

ACADEMIA PARAIBANA DE ENGENHARIA

POSSE 6º GRUPO DE ACADÊMICOS

Coordenadores do 6º Grupo:

João Barbosa de Lucena
e
Francisco Rosendo Rodrigues

João Pessoa, 26 de agosto de 2022



ACADEMIA PARAIBANA DE ENGENHARIA

Fundada em 17 de dezembro de 2014

Rua Álvaro de Carvalho, 248, Tambauzinho, Ed. Sinduscon JP
CEP 58.042-010 João Pessoa, PB

Diretoria 2021 / 2022

SÉRGIO ROLIM MENDONÇA
Presidente

JOSÉ OTHON SOARES DE OLIVEIRA
Vice-Presidente

ANA MARIA DE ARAÚJO TORRES PONTES
Diretora Secretária

FRANCISCO ALVES CHAVES
Vice-diretor Secretário

FERNANDO MARTINS DA SILVA
Diretor Financeiro

JOSÉ FRANCISCO DE NOVAIS NÓBREGA
Vice-diretor Financeiro

NEUZA MARTINS GOMES
Diretora de Documentação e Arquivo

HARLEY PAIVA MARTINS
Presidente do Conselho Científico Cultural Permanente

Sumário

Apresentação

Saudação do Acadêmico JOÃO BARBOSA DE LUCENA em nome dos empossados

Sobre o Patrono da Cadeira nº 03
ANTÔNIO DA SILVA MORAIS

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 03
FRANCISCO DE ASSIS BENEVIDES GADELHA

Sobre o Patrono da Cadeira nº 09
FERNANDO MELO DO NASCIMENTO

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 09
JOÃO BARBOSA DE LUCENA

Sobre o Patrono da Cadeira nº 14
IVANILTON MARTINS DINOÁ

Sobre o Acadêmico Fundador da Cadeira nº 14
VALDÊS BORGES SOARES

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 14
JOSÉ WILLIAM MONTENEGRO LEAL

Sobre o Patrono da Cadeira nº 16
GUTENBERG DE CASTRO

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 16
OTÁVIO ALFREDO FALCÃO DE OLIVEIRA LIMA

Sobre o Patrono da Cadeira nº 20
PAULO FERNANDO ESPÍNOLA

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 20
CARLOS ALBERTO BATINGA CHAVES

Sobre o Patrono da Cadeira nº 29
EDMILSON FONSECA

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
FLÁVIO RAMALHO DE BRITO

Sobre o Patrono da Cadeira nº 39
VITORIANO GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ

Sobre o Acadêmico Fundador da Cadeira nº 39
HERMANO JOSÉ DA SILVEIRA FARIAS

Sobre o Acadêmico Titular da Cadeira nº 39
FRANCISCO ROSENDO RODRIGUES

APRESENTAÇÃO

A Academia Paraibana de Engenharia (APENGE), fundada em 17 de dezembro de 2014, com foro na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, é uma sociedade civil sem fins lucrativos, de duração indefinida e com objetivos científicos, culturais e humanísticos.

Tem os seguintes objetivos:

- Contribuir para a valorização da Engenharia na Sociedade e encorajar o desenvolvimento de investigação nas suas áreas técnicas e científicas, em especial naquelas que melhor potenciem o progresso da Paraíba e do País.
- Promover a cooperação no domínio da Engenharia a fim de assegurar a concentração de esforços na resolução de problemas da Sociedade e no desenvolvimento da investigação para esse fim.
- Assessorar os órgãos do Governo, sempre que para tal for solicitada por qualquer seu departamento ou agência, em matérias de importância municipal, estadual ou nacional, relevantes para a Engenharia.
- Cooperar com o CREA em assuntos de interesse mútuo e, em particular, nos que respeitem a valorização e o desenvolvimento da Engenharia e da profissão de Engenheiro, bem como do livre e competente exercício profissional.
- Cooperar com outras academias congêneres.
- Promover e estimular atividades que visem ao desenvolvimento científico e cultural e do ensino da Engenharia em consonância às instituições afins.
- Servir à Paraíba e ao País em outros aspectos relacionados com questões importantes no domínio da Engenharia e da Tecnologia.
- Reconhecer contribuições de grande mérito prestadas à Paraíba por personalidades ou instituições de excepcional prestígio.

É com imensa satisfação que empossamos na data de hoje ao 6º Grupo dos novos membros da Academia Paraibana de Engenharia.

Serão empossados os Acadêmicos Titulares:

- Engenheiro Civil Francisco de Assis Benevides Gadelha
- Engenheiro Agrônomo João Barbosa de Lucena
- Engenheiro Civil José William Montenegro Leal
- Engenheiro Civil Otávio Alfredo Falcão de Oliveira Lima
- Engenheiro Civil Carlos Alberto Batinga Chaves
- Engenheiro Eletricista Flávio Ramalho de Brito
- Engenheiro Civil Francisco Rosendo Rodrigues

A DIRETORIA

Discurso de Posse dos novos Acadêmicos da APENGE

Ilmo. Sr. Presidente da Academia Paraibana de Engenharia, acadêmico Sergio Rolim Mendonça. Em seu nome, tenho a imensa satisfação de também saudar os ilustres membros desta mesa.

Uma saudação especial a todos os Acadêmicos da APENGE. São engenheiros que, em função da enorme contribuição prestada à sociedade, foram requisitados pela Academia para continuarem trabalhando pelo desenvolvimento do Estado, do Nordeste e do país, e, por isso, são merecedores da admiração de todos. Minhas senhoras, meus senhores.

Sinto-me profundamente honrado por ter sido indicado para proferir o discurso de posse dos novos Acadêmicos. É uma tarefa difícil decifrar sentimentos e emoções. Todos os sete Engenheiros que hoje tomam posse são personalidades que se destacaram não só dentro de suas especialidades, mas, principalmente, pela conduta exemplar na condução de suas atividades voltadas para o desenvolvimento da sociedade. Uns se dedicaram ao magistério e assumiram a importante tarefa de educar e preparar os engenheiros do amanhã; outros se dedicaram à concepção e execução de novas ideias, ou seja, construir lares, obras públicas e privadas, plantar, colher e tornar melhor a vida das pessoas. Permitam-me fazer um pequeno relato sobre esses acadêmicos.

O Engenheiro **FRANCISCO DE ASSIS BENEVIDES GADELHA** nasceu na cidade de Sousa. Descendente de uma família ligada à indústria, logo cedo dirigiu a Refinaria de Óleos Vegetais, pertencente à família. Foi professor Universitário, Secretário da Indústria e Comercio e Secretário da Agricultura da Paraíba e ocupou também a presidência do conselho do SEBRAE-PB. Em 1995, foi eleito presidente da FIEP, cargo que o tornou, também, dirigente do SESI, SENAI e IEL. Desde que assumiu os destinos do sistema indústria da Paraíba, se tornou o responsável pela construção de mais de 75 mil m² de unidades educacionais do SESI e SENAI, por meio das quais atendeu a mais de 300 mil alunos, preparando-os para o mercado de trabalho, 200 mil concluíram o ensino fundamental e médio, nas áreas da educação de jovens e adultos. Foi, também, o responsável pela criação e implantação da Faculdade SENAI da Paraíba. Francisco Gadelha é cidadão honorífico de 15 cidades paraibanas.

O Engenheiro Agrônomo **JOÃO BARBOSA DE LUCENA** nasceu em João Pessoa. Fez vários cursos de Pós-graduação, com destaque para os de Planejamento Regional Integrado, promovido pelo Banco do Nordeste e Centro de Estudos de Hehovot – Estado de Israel, e o de Economia Rural. Foi Diretor Executivo da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola, presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária da Paraíba - EMEPA-PB e da Fundação de Desenvolvimento Agropecuário da Paraíba – FUNDAP. Trabalhou durante 21 anos no Banco Mundial em programas de Desenvolvimento Rural, com atuação na América Latina, América Central e África. Foi presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil – SINDUSCON/JP e membro titular do Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

CARLOS ALBERTO BATINGA CHAVES, Engenheiro Civil, nasceu em Monteiro. Filho de Natanael de Castro Chaves e Terezinha Batinga Chaves, neto de pequenos comerciantes e

proprietários rurais, é o mais velho de 4 irmãos. Fez o 1º grau em sua cidade natal, continuou os estudos no Liceu Paraibano e na Escola de Engenharia da UFPB na capital do Estado, e fez Pós-graduação em Planejamento de Transportes Urbanos na UFPE. Em 1974, ingressou nos quadros da Prefeitura de João Pessoa para participar da elaboração do Plano Diretor do Município. Em 1976, foi contratado pelo Ministério dos Transportes para participar do Plano Diretor de Salvador e, em seguida, para coordenar o Plano Diretor de Natal. Posteriormente, foi Secretário de Mobilidade Urbana dessas 3 capitais e consultor do PNUD. Foi Prefeito de Monteiro, deputado estadual e continua com as atividades de consultor em planejamento de transportes. Possui diversos artigos e trabalhos apresentados em congressos e publicados em revistas especializadas. Faz parte do conselho da ANTP e do MDT.

FRANCISCO ROSENDO RODRIGUES, também conhecido como François, é Engenheiro Civil. Natural do alto Sertão paraibano. Pela via da Escola Pública, graduou-se em Engenharia na Universidade Federal da Paraíba. Foi Diretor Regional de Engenharia dos Correios na Paraíba, onde durante trinta anos coordenou projetos, obras e equipamentos em geral, participando das atividades administrativas e operacionais, bem como de todo o desenvolvimento logístico e tecnológico no âmbito da Empresa. É autor do livro Edifícios dos Correios no Brasil – Apontamentos Históricos. Apreciador da literatura, tem publicado poemas, crônicas e textos em geral, alguns evocativos da esperança que contempla em um cenário de ações concretas que possam resgatar o precioso berço da cidade de João Pessoa, o nosso Centro Histórico, um verdadeiro museu a céu aberto.

O Engenheiro Eletricista **FLÁVIO RAMALHO DE BRITO** nasceu em Campina Grande. Trabalhou durante quase três décadas na empresa de distribuição de energia do Estado, tendo ocupado a sua Diretoria Técnica. Foi dirigente de empresa de previdência privada e ocupou cargos no governo estadual. Durante dez anos, fez parte da Diretoria do Sindicato dos Engenheiros no Estado da Paraíba. É cidadão honorário de dois municípios paraibanos e membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Possui dois livros publicados sobre temas históricos e vários artigos em periódicos locais.

O Engenheiro Civil e Administrador de Empresas **OTÁVIO ALFREDO FALCÃO DE OLIVEIRA LIMA** nasceu em João Pessoa. Exerceu suas atividades profissionais como engenheiro durante 36 anos no Banco Nacional de Habitação e na Caixa Econômica Federal, sendo que, durante 35 anos, atuando como gestor. Foi responsável pelo financiamento de grandes obras de Saneamento Básico, através da CAGEPA, como a ampliação dos Sistemas de abastecimento d'água de João Pessoa e Campina Grande. Entre as várias funções exercidas, destaca-se a Chefia de Engenharia da Caixa Econômica Federal durante 15 anos. Dentre os seus cursos de aperfeiçoamento profissional destacam-se: Gestão Urbana e Municipal (Banco Mundial), Gestão Política e Desenvolvimento Urbano (IBAM) e Planejamento Territorial, Plano Diretor e Estatuto da Cidade (INSTITUTO PÓLIS). Ocupou, também, cargo na Diretoria do CREA/PB.

O Engenheiro Civil **JOSÉ WILLIAM MONTENEGRO LEAL** nasceu em João Pessoa. Em 1984, ainda acadêmico, associou-se à empresa CONSERPA e, em 1990, às empresas Água Azul e ENGER, formando o grupo CONSERPA-ENGER. Foi Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa por dois mandatos consecutivos (1994/2000), colocando em prática um novo modelo de gestão na organização, aproximando os associados, dinamizando e modernizando a parte administrativa e dando visibilidade local e nacional à entidade junto aos órgãos oficiais e da indústria/iniciativa privada. Foi Secretário de

Desenvolvimento e Controle Urbano e também Secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de João Pessoa no período 2001-2004. Foi vice-presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). Recebeu as honrosas comendas: Medalha Cidade de João Pessoa, concedida pela Câmara Municipal de João Pessoa e Medalha Epitácio Pessoa, concedida pela Assembleia Legislativa da Paraíba. Foi eleito pela terceira vez, após 18 anos, Presidente do SINDUSCON/JP (2018-2021). Atualmente, além da atuação empresarial, é Conselheiro do SICOB-PB (2018-2026), Vice-Presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba e Secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal.

Queremos destacar nesta oportunidade a importância de nossos Patronos, todos com relevantes currículos que foram construídos no passado através de suas atividades profissionais. Enveredaram pelos caminhos do magistério, da ciência e da geração de tecnologia e de outras atividades não menos expressivas. Foram pessoas ilustres que, infelizmente, já se foram, mas que deixaram o marco de suas passagens entre nós. As nossas homenagens aos Patronos das cadeiras dos acadêmicos que, hoje, são empossados: Antônio da Silva Moraes, cadeira nº 3, que será ocupada pelo Acadêmico Francisco de Assis Benevides Gadelha; Fernando Melo do Nascimento, cadeira nº 9, que será ocupada pelo Acadêmico João Barbosa de Lucena; Ivanilton Martins Dinoá, cadeira nº 14, que será ocupada pelo Acadêmico José William Montenegro Leal; Gutenberg de Castro, cadeira nº 16, que será ocupada pelo Acadêmico Otávio Alfredo Falcão de Oliveira Lima; Paulo Fernando Espínola, cadeira nº 20, que será ocupada pelo Acadêmico Carlos Alberto Batinga Chaves; Edmilson Fonseca, cadeira 29, que será ocupada pelo Acadêmico Flávio Ramalho de Brito; e, Vitoriano González y González, cadeira nº 39, que será ocupado pelo Acadêmico Francisco Rosendo Rodrigues.

Senhores Acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores. A Engenharia tem um campo muito amplo a ser explorado. Sem nenhum demérito para as demais atividades, já que todas são importantes e fundamentais para a sociedade, entendemos que é a Engenharia que está mais presente no dia a dia das pessoas, desde o seu despertar, pela manhã, até a hora de dormir, ao desligar a luz ou o aparelho de televisão. O desenvolvimento tecnológico que vivenciamos hoje teve início com as invenções realizadas no campo da Engenharia nos idos de 1712, com a criação da máquina a vapor pelo Inglês Thomas Newcomen e, posteriormente, aperfeiçoada por James Watt, em 1765. Esse evento foi considerado o propulsor da tecnologia das indústrias da época, principalmente a indústria têxtil, mecanizando-a e aumentando a sua produtividade. Marcou, também, o início da primeira revolução industrial que durou até 1840. Foi um período em que houve grandes avanços tecnológicos que se espalharam pelo mundo, promovendo grandes transformações no processo produtivo. Os historiadores afirmam que foi nesse período que nasceu e se consolidou o capitalismo. A segunda revolução industrial, que aconteceu durante o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e o final da segunda guerra mundial, teve como fatos principais a utilização do petróleo como a principal fonte de energia, usada nas novas invenções - os motores à combustão e os motores elétricos. Foi nessa época, que Alberto Santos Dumont, o patrono da Aeronáutica brasileira, construiu e fez, em Paris, em 23 de outubro de 1906, no Campo de Bagatelle, o primeiro voo utilizando-se de um dispositivo mais pesado do que o ar – o 14 Bis. A terceira revolução industrial iniciou na segunda metade do século XX e caracteriza-se como a revolução técnico-científica que buscou o desenvolvimento tecnológico através dos meios de produção e de comunicação

destacando-se, também, os grandes avanços alcançados no campo da medicina. Supõe-se que a quarta revolução industrial esteja ocorrendo no momento em que estamos vivendo. Engloba um amplo sistema de tecnologias avançadas como inteligência artificial, robótica, nanotecnologia, computação quântica, biotecnologia, internet das coisas, impressão 3D, veículos autônomos, entre outros.

Como veem, a Engenharia vem tornando o mundo menor e melhor para se viver. As grandes distâncias são vencidas em horas ou segundos, dependendo do meio de comunicação usado. Hoje, as grandes mudanças tecnológicas projetadas pelos pesquisadores, são alcançadas geralmente, na metade do tempo que era inicialmente previsto, como foi o caso do iPhone, cujo criador, Steve Jobs, no momento do seu lançamento, afirmou que em 10 anos aquele dispositivo estaria recebendo e enviando e-mails. A previsão não foi cumprida, porque demorou apenas 5 anos para o que foi preconizado acontecer e, hoje, aquele aparelhinho é um item indispensável à vida das pessoas.

O Brasil não deixa nada a desejar no campo da Engenharia, e isso pode ser avaliado pelo volume de obras que foram executadas a partir da primeira metade do século passado, como foi o caso das hidrelétricas, inicialmente Paulo Afonso e, posteriormente, Itaipu (a maior do mundo na época) e tantas outras obras gigantescas projetadas e executadas por engenheiros brasileiros. No campo da Engenharia Agrônoma o desenvolvimento tem sido fantástico. Em menos de 40 anos, passamos de um país que não produzia o suficiente para abastecer a sua população, para um país exportador de uma grande variedade de produtos, constituindo um fator de equilíbrio para as contas do país com o mercado exterior e participando com 6.8% na formação do PIB (IBGE-2020). Em termos de produtividade, o caso do milho é emblemático, com a produção passando de 1.000 para 5.000 kg por hectare em menos de 40 anos. Isso mostra que o crescimento da agropecuária se deve em grande parte ao aumento da produtividade, fruto da ciência e da mecanização e nem tanto devido à expansão da fronteira agrícola. O desenvolvimento agropecuário traz, em consequência, um grande desenvolvimento econômico em função da construção de estradas, ferrovias, portos, indústrias químicas, produção de máquinas e equipamentos, entre outras.

Permitam-nos um breve espaço para tratar de um tema que será muito importante para a nossa região: trata-se da energia limpa (solar e eólica), que encontra no Nordeste as melhores condições para a sua produção. Segundo os especialistas, até o final desta década, o Nordeste brasileiro se tornará autossuficiente em energia. Quando isso ocorrer e, esperamos que seja antes dessa previsão, nós não necessitaremos mais da água do Velho Chico para gerar energia, mas precisaremos dessa água para fazer com que os vales férteis do Nordeste se transformem em celeiros, a exemplo das terras das margens do São Francisco. Lutemos, pois, por isso.

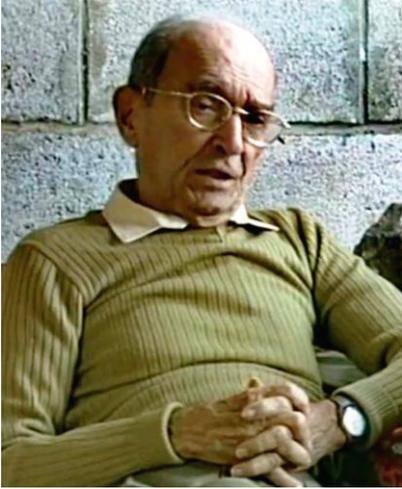
Nesse momento tão singular de nossas vidas, não podemos deixar de enaltecer e agradecer o apoio recebido de nossas famílias, a começar pelos nossos pais pela educação que nos proporcionaram e o encaminhamento de nossas vidas sempre no caminho do bem, o que permitiu que aqui estivéssemos colhendo os frutos de seus ensinamentos. Às nossas esposas, Elvira Wanderlei Soares, Dorita de Castro Lucena, Maria das Graças Rocha Montenegro Leal, Edilma Virgínia Vasconcelos Falcão de Oliveira Lima, Tarciana Muniz Carneiro, Mércia Brandão Ramalho de Brito e Heloisa Helena Ataíde Rodrigues, que sempre ao nosso lado, nos

proporcionaram o equilíbrio necessário para que pudéssemos educar e criar os nossos filhos sob os princípios da idoneidade e da moral.

Prezados confrades, minhas senhoras e meus senhores que aqui vieram nos prestigiar nesta solenidade de posse na Academia Paraibana de Engenharia – APENGE. Como sabemos, a nossa Academia é muito jovem, tem apenas 8 anos de fundada, o que é um período muito curto para se estruturar e poder atender as demandas para as quais ela foi criada. Portanto, a nossa Academia vai requerer de todos nós muito esforço e sabedoria para que possamos usá-los em benefício da sociedade. Temos certeza de que todos os acadêmicos estão dispostos a dar suas parcelas de contribuição para que a APENGE possa atingir seus objetivos e vencer os seus desafios. E como dizia Mahatma Gandhi “Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para vitória é o desejo de vencer”. Esse desejo nós temos. Então, que venham os desafios, e os venceremos.

Muito obrigado

Cadeira n° 03



Patrono

Antônio da Silva Morais



Acadêmico Titular

Francisco de Assis Benevides

Gadelha

Antônio da Silva Moraes

PATRONO

ANTÔNIO DA SILVA MORAIS nasceu na cidade de Angelim, no agreste pernambucano, em 13 de maio de 1916. Foi casado com a senhora Clarice Moraes e dessa união nasceram os filhos Wladimir, Wilma e Walkíria.

Foi professor no Liceu Paraibano em João Pessoa, transferindo-se posteriormente para Campina Grande, em 1945, para trabalhar no Departamento de Produção Mineral (DPM), no cargo de diretor.

Por sua influência e pela infraestrutura do laboratório do Departamento de Produção Mineral (DPM), surgiu a ideia de criar uma instituição que oferecesse o curso de Química Industrial. Porém, essa ideia foi preterida frente ao projeto da fundação da Escola Politécnica de Campina Grande (Poli), que poderia, no futuro, oferecer, além do curso de Engenharia Química (para atender à demanda do DPM), outras graduações na área de engenharia. Para tanto, contou com os méritos de alguns indivíduos sem os quais essa história talvez nunca tivesse acontecido.

“Os fundadores” (como o grupo ficou conhecido) da Escola Politécnica de Campina Grande foram: Antônio da Silva Moraes, Giuseppe Gióia, José Marques de Almeida Júnior, Kleber Cruz Marques, Max Hans Karl Liebig, Ademar Xavier de Andrade, Austro de França Costa, Otávio Santiago, José Dias Fernandes, Pedro Bento Collier, José Lopes de Andrade e Edvaldo de Souza do Ó, um dos mais destacados nomes do progresso de Campina Grande no século XX.

Aquele pernambucano de Angelim empolgou-se de tal forma pelo desenvolvimento da cidade que foi logo absorvido por seus pares desenvolvimentistas, como informa o professor Stênio Lopes em *Um olhar sobre a Escola Politécnica pela mídia impressa campinense*, José Valmi Oliveira Torres, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

[...] Alguns temas, como “progresso de Campina Grande”, “para onde vai Campina Grande”, “o que se podia fazer para o futuro de Campina Grande”, eram bastante debatidos entre alguns intelectuais da elite campinense. Entre os citados estão Lynaldo Cavalcanti; Luís Almeida, irmão de Átila Almeida; Antônio da Silva Moraes; José Lopes de Andrade, que era conhecido como sociólogo, e Edvaldo de Souza do Ó, de todos o mais barulhento. Posteriormente integrou-se ao grupo José Paulino da Costa Filho, que foi transferido para Campina Grande como chefe da Agência de Estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); tornou-se professor e depois diretor da Faculdade de Ciência Econômica (FACE/CG); além de alguns industriais muito dinâmicos, entre os quais Clóvis Matos Sá, de Cajazeiras, Paraíba, Josemir Camilo e José Marques de Almeida. Esse grupo se reunia para discussão normalmente no edifício onde estava localizada a sede da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), sediada em Campina Grande e que funcionava na

Associação Comercial. Os resultados dessas reuniões geralmente eram transformados em artigos escritos por mim e Lopes de Andrade [...].

Por determinação de José Américo de Almeida, governador na época, seu secretário José Lopes de Andrade foi a Campina Grande com o propósito de debater com as autoridades a criação de uma Escola de Química de nível universitário, que seria patrocinada pelo Estado.

A primeira reunião aconteceu em uma sala de aula da Sociedade Franco-Brasileira, onde o emissário do governador reuniu-se com os engenheiros químicos José Marques de Almeida Júnior, Josemir de Castro e Antônio da Silva Moraes; os engenheiros civis Valdez Cunha Cavalcanti, Giuseppe Gióia Filho e Austro de França Costa; e o engenheiro agrônomo Lindalvo Farias. A reunião inaugural contou também com a presença do professor Milton Paiva, diretor da única escola estadual da cidade, o Colégio Estadual da Prata, e do estudante universitário Edvaldo de Souza do Ó, representando os estudantes universitários de Campina Grande. Expostas as ideias centrais que nortearam o encontro, os participantes entenderam por unanimidade que a sugestão inicial para a criação de uma Escola de Química não era a medida mais acertada para o momento. Decidiram, então, que fosse instituída uma Escola Politécnica, com o primeiro curso a ser criado sendo o de Engenharia Civil. Antônio da Silva Moraes, embora fosse engenheiro químico, teve participação ativa no convencimento da necessidade de criação de uma Escola Politécnica, e não apenas de uma escola voltada exclusivamente para a química.

O governador José Américo de Almeida foi convencido sem muitas dificuldades pela deliberação do grupo pioneiro da Escola Politécnica de Campina Grande, aceitando de pronto a proposta e autorizando o prosseguimento dos estudos complementares para a criação da Escola Politécnica. A comissão formada pelos engenheiros mencionados reuniu-se em 1º de setembro de 1952, no escritório da Cerâmica São José, de G. Gióia & Cia., ocasião em que redigiram um convite/convocação a todos os engenheiros residentes em Campina Grande, e também a alguns em João Pessoa, para discutir em conjunto com o projeto de formação da Escola Politécnica. Nessa reunião ficou estabelecido que o tema seria debatido cinco dias depois. A seguir o convite elaborado para entrega aos engenheiros, convidando-os a participar dessa histórica reunião:

A Comissão de Técnicos encarregada de estudar as possibilidades da fundação de uma Escola Politécnica em Campina Grande – curso de Engenharia Civil – vem pedir ao nobre colega seu comparecimento e sua valiosa colaboração à reunião a se realizar no próximo dia 6 (sábado) de setembro do corrente ano, às 16 horas, na Associação Comercial de Campina Grande, localizada na Rua João Pessoa, 21 – 1º andar. Cumpre ainda informar que o assunto a ser ventilado tem merecido do Senhor Governador do Estado integral apoio. Campina Grande, 2 de setembro de 1952

Com a criação da Escola Politécnica, Antônio Moraes foi alçado ao posto de primeiro diretor da instituição, criada em 1952 com o curso de Engenharia Civil, cargo que exerceu até 1963, desempenhando um papel historicamente muito importante para a implantação e a consolidação da escola, que marcou época e fez história na engenharia brasileira. Muitos dos egressos daquele templo do saber ainda ocupam atualmente lugar de destaque na engenharia nacional e internacional.

Cumprida a missão de criar, instalar e dirigir a Escola Politécnica em Campina Grande, base sobre a qual se assenta a futura criação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o professor Antônio da Silva Morais foi convidado pelo Magnífico Reitor prof. dr. Mário Moacyr Porto, em 1962, para dar sua decisiva colaboração quando da criação do Instituto Central de Química (ICQ).

Mais uma vez, o pioneirismo e a competência do professor Morais foram requisitados e se fizeram sentir, com pleno êxito, conforme atesta a história de implantação do ICQ. Coube a ele o trabalho de coordenação para que o instituto se tornasse realidade. Depois do período de instalação e implantação, o professor Morais foi eleito chefe do ICQ, cargo que ocupou ininterruptamente até março de 1974.

Quando da sua criação, o ICQ funcionava precariamente num pavilhão cedido pela Faculdade de Medicina, situado à Rua Alberto de Brito, S/N, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, onde permaneceu até ser transferido para sua sede atual, na Cidade Universitária, em 11 de fevereiro de 1969, sob a coordenação do homenageado.

Foi também sob a batuta de Antônio da Silva Morais que o Conselho Universitário, em 1973, por meio da Resolução nº 12/73, aprovou a reformulação da estrutura acadêmica da instituição, em concordância com os dispostos nos Decretos-Lei nº 53, de 18/11/1966, e nº 252, de 28/02/1967, e na Lei nº 5.540, de 28/11/1968, em que são lançadas as bases para a formação de centros como órgãos intermediários e de concentração dos departamentos por áreas de conhecimentos básicos e profissionais. A partir de 1973, o ICQ passou a se chamar Departamento de Química, ficando, por razões de ordem administrativa, subdividido nas áreas de Química Orgânica, Química Inorgânica, Química Analítica e Físico-Química. Como coordenador do Departamento de Química, o professor Morais procedeu, com o apoio da comunidade acadêmica, à implantação do curso de Licenciatura em Química, em 1968, cujos alunos da primeira turma ingressaram por meio do Concurso Vestibular de 1969.

O caminho trilhado por esses fundadores deixou uma herança, marcada pelo incentivo ao progresso efetivamente ocorrido na cidade de Campina Grande e que resultou, dentre outros benefícios, em contribuição para o desenvolvimento do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), da Telecomunicações de Campina Grande (Telingra), da expansão urbana do centro de Campina Grande, entre outros.

Antônio da Silva Morais faleceu, aos 90 anos, no dia 27 de janeiro de 2006, deixando um legado de dedicação e esmero em tudo que empreendeu. Deixou seu nome inscrito em lugar de destaque no fortalecimento da engenharia no estado da Paraíba, onde colaborou, decisivamente, a partir da sua atividade acadêmica, participando da criação de unidades para o desenvolvimento da engenharia do nosso estado.

Francisco de Assis Benevides Gadelha

ACADÊMICO TITULAR

FRANCISCO DE ASSIS BENEVIDES GADELHA, filho de José de Paiva Gadelha e Miriam Benevides Gadelha, nasceu no dia 8 de janeiro de 1945, às 14 horas, na cidade de Sousa, estado da Paraíba. Contraiu matrimônio com Elvira Wanderley Soares, filha de Fleury Gomes Soares e Nilza Wanderley Soares, residentes e domiciliados em Campina Grande, Paraíba. Do casamento com Elvira nasceram quatro filhas: Renata, Letícia, Juliana e Paula Wanderley Soares Gadelha.

Até os dez anos de idade, Francisco viveu sempre naquela cidade, onde recebeu também as primeiras aulas do curso primário (hoje, Ensino Fundamental I) nas residências das professoras Lourdes, Ana, Darcy e Lourdinha, todas marcadas pela simplicidade dos sertões semidesbravados, sem energia constante ou água encanada e muito menos rede de esgotos. Tudo isso proporcionou uma liberdade incontida e uma grande alegria de vida para ele, mais oito irmãos e cerca de meia centena de primos, que viviam em uma comunidade irmanada pelos mesmos sentimentos emanados dos pais.

Aos onze anos e meio, seu pai o matriculou em uma escola oficializada, onde já estudavam os dois irmãos mais velhos, alguns primos e algumas crianças de Sousa, sua “Cidade Sorriso”. Assim, em agosto de 1956, passou a estudar no internato do Ginásio Diocesano em Patos, na Paraíba, uma espécie de “caraça” dos sertões nordestinos, uma escola modesta em sua

estrutura, porém provida de excelentes laboratórios de mecânica, eletromagnetismo, química, botânica e anatomia. Além de ensino rígido e disciplina militar que habitavam um único dormitório, os alunos estudavam em um mesmo salão, com cerca de 180 birôs.

Assistiam à missa todos os dias na mesma igreja. A diversão existente era o esporte nos intervalos e a saída aos domingos, que era antecipada por duas horas de salão de estudos e concluída por mais duas horas de leitura. Um tempo marcante na sua infância e adolescência, em que foi moldado, literalmente formatado, até o final dos anos 1960.

A cada ano, retornava à casa paterna nas férias de julho e do final do ano. Nesse período, organizaram-se seus sonhos ou objetivos, a disciplina e o aprendizado médio.

Naqueles rincões atrasados que sobraram da colonização, entendeu que a única forma de entrar no ginásio seria mesmo por meio de um “vestibularzinho” que nivelasse os alunos vindos de escolas não supervisionadas, locais e situações tão díspares – 150 vagas para 450 candidatos. Diante de tamanha rigidez de ensino e sacrifício na permanência, a evasão só poderia ser gigantesca, de forma que, dos 150 ingressantes, apenas 23 chegaram ao final do quarto ano ginásial (hoje Ensino Fundamental II).

Em 1961, o Colégio Nóbrega do Recife foi sua próxima parada, onde concluiu o curso científico (hoje Ensino Médio) ao final de 1963. O Colégio dos Padres Jesuítas, de onde se originou a Universidade Católica de Pernambuco, era de grande tradição e, junto com os colégios Marista e Americano Batista, além do Salesiano, abrigava as tradicionais famílias de Pernambuco.

Francisco experimentou naqueles anos uma mudança radical e brusca nos costumes, com a oportunidade de morar em um apartamento com dois irmãos e três primos e a liberdade de se locomover para qualquer lugar desejado. No primeiro ano, estudou com uma turma de origem comum, com uma sintonia de modos e ações.

As notas das provas eram muito festejadas no Colégio Nóbrega, dignas de grandes solenidades e medalhas ao final de cada ano. Classificado em segundo lugar no primeiro mês, foi procurado por quase todos os colegas para uma indagação sobre sua vida e, sem dúvidas, ficaram intrigados sobre como o ginásio em que fora educado estava situado em Patos, no meio da Paraíba. Foi difícil explicar que o Ginásio do Padre Vieira era bem mais exigente na cobrança de ensino.

Saindo da sala de aula para as ruas, Recife realmente exerceu nele toda a influência de segundo grau. A consolidação dos sentimentos maiores da adolescência aconteceu lá. O contato era muito forte com a cultura erudita, o teatro, o cinema de arte, a pintura, a poesia e todos os demais itens que esse cardápio oferece. Os movimentos políticos estudantis despertaram no jovem uma visão de mundo do ponto de vista sociológico.

Em 1964, prestou exame vestibular nas duas Escolas de Engenharia existentes: a Politécnica e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Aprovado nas duas, optou pela Escola de Engenharia da UFPE, concluindo o curso de Engenharia Civil ao final de 1968, com especialização em Estradas. Após a conclusão do curso de Engenharia, seu pai, José Gadelha, o convidou para construir um cinema em Sousa e para trabalhar na Algodoeira André Gadelha Ltda.

No início dessa nova etapa, casou-se com Elvira, que conhecera quando estudava Engenharia em Recife, embora ambos já soubessem que seus pais eram antigos amigos, em face dos negócios de algodão, em Campina Grande. Ela passou também a ajudá-lo na construção do cinema, bem como suas filhas, que também sempre colaboraram nos diversos embates da vida. Com a determinação de seu pai de que o Cine Gadelha se tornasse o maior da Paraíba, teve que verificar as dimensões dos Cine Rex e Cine Municipal, ambos em João Pessoa, e Babilônia e Capitólio, em Campina Grande. Entregou então o cinema a seu pai com 1.020 cadeiras.

Em 1972, voltou às salas de aula para estudar Mecânica dos Solos em Campina Grande, e abandonou os estudos para disputar uma eleição de prefeito nesse mesmo ano na sua cidade natal. Após a derrota nas eleições municipais, voltou a Campina Grande, onde trabalhou no Instituto Euvaldo Lodi (IEL), junto à Escola Politécnica de Campina Grande. Ao mesmo tempo, ensinava na Universidade Regional do Nordeste (Urne), ministrando Geometria Descritiva na turma de Engenharia Mecânica.

Já em 1974, passou a dirigir a Refinaria de Óleos Vegetais S/A (Rovsa), cujo controle acionário foi adquirido por seu pai e seu tio Clotário de Paiva Gadelha, que transferiram a direção para ele e Petrônio Gadelha, seu primo, filho desse tio. A partir daí, passou a frequentar intensamente a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), assumindo no ano seguinte a presidência do Sindicato das Indústrias de Óleos Vegetais do Estado da Paraíba. Nesse período, também incursionou na fundação da Bolsa de Mercadorias da Paraíba, que reinou absoluta nas regiões Norte e Nordeste entre os anos de 1978 e 1983. Edvaldo do Ó era o presidente e Francisco, o vice-presidente. Nesse período, pôde operacionalizar, como corretor, grandes negócios de grãos e algodão a partir de Campina Grande para todo o Brasil, onde os grãos destinavam-se apenas ao Norte e ao Nordeste, sobretudo devido aos seis anos de seca que massacraram a nossa região no período de 1978 a 1983.

No governo de Clóvis Bezerra, foi convocado para chefiar a Secretaria da Indústria e Comércio do Estado da Paraíba. Posteriormente, no Governo Wilson Braga, assumiu essa mesma Secretaria, em que ficou até o ano de 1986.

Ainda inesperadamente, após uma intervenção no Tribunal do Trabalho da 13ª Região, em sendo suplente classista dos empregadores, assumiu a titularidade, permanecendo nesse cargo até o final de 1997.

Entretanto, paralelamente à sua condição de industrial de óleos vegetais e sabão, o cargo ao qual dedicou o mais longo período de sua carreira foi a presidência da Fiep: eleito em 1995, foi reconduzido ao cargo seguidas vezes até hoje pelos presidentes de vários sindicatos de indústrias (hoje 26). O presidente da Fiep dirige também, compulsoriamente, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), o Serviço Social da Indústria (Sesi) e o IEL.

Nesse sistema industrial, pôde realizar um velho sonho de professor, construindo 75 mil m² de escola e inserir, entre os anos de 2015 e 2019, todas as unidades do Senai e todos os Centros de Atividades do Sesi na indústria 4.0. Esses núcleos de ensino prepararam mais de 300 mil alunos para o mercado de trabalho, e cerca de 200 mil concluintes em educação de jovens e adultos, alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Hoje, seu sonho maior é completar a transformação da Refinaria de Óleos Vegetais S/A (Rovsa) no Shopping Pátio Cidade Nova, em Campina Grande, que está em fase final de conclusão.

Cadeira n° 09



Patrono

Fernando Melo do Nascimento



Acadêmico Titular

João Barbosa de Lucena

Fernando Melo do Nascimento

PATRONO

FERNANDO MELO DO NASCIMENTO nasceu em João Pessoa no dia 22 de outubro de 1918, filho de Manoel Roberto do Nascimento e de Dona Olga Melo do Nascimento. Na histórica cidade de Areia/PB, conheceu aquela que seria sua companheira por quase seis décadas, a normalista Maria Dolores Coelho Pereira de Melo, de antiga família areiense. Desse matrimônio nasceram quatro filhos: Ana Maria, Maria Helena, Alberto Vinícius, e Maria de Fátima.

Estudou na antiga Academia de Comércio Epitácio Pessoa e no Lyceu Paraibano. Nesse período, exerceu função de revisor nos jornais *O Norte* e *A Imprensa*, do Padre Carlos Coelho, e integrou o Grêmio Afonso Campos. Foi cofundador e redator da ata de fundação, em 1931, do Botafogo Futebol Clube, principal clube da capital paraibana.

Em 1937, foi aprovado no primeiro vestibular para ingresso na Escola de Agronomia do Nordeste em Areia, atual Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi cofundador do primeiro Diretório Acadêmico da Paraíba, em 1938, integrando sua primeira diretoria, além de haver sido eleito presidente em 1940. Nesse mesmo período foi secretário do diretor da Escola, o destacado agrônomo Raimundo Pimentel Gomes. Concluiu o curso de Engenharia Agrônoma em 1941 e foi escolhido como orador da turma.

Entre 1941 e 1942, trabalhou nas Usinas Crautá e Santo Inácio no Cabo de Santo Agostinho/PE, de propriedade de Antônio Brenand.

No ano de 1942, tornou-se professor da disciplina Agricultura Geral do curso superior da Escola de Agronomia do Nordeste, no período de julho a setembro, e de Silvicultura e Jardinocultura, no período de 1942 a 1945.

Após aprovação no concurso público para a carreira de agrônomo no Ministério da Agricultura, foi nomeado para o Serviço Nacional de Pesquisa Agrônoma em 1946. Pouco depois, foi designado para Estação Experimental do Seridó, em Cruzeta/RN, para exercer as funções de chefe e responsável pelo melhoramento do Algodoeiro Moco – *gossypium hirsutum*.

Desafiado por Fernando Melo, na época chefe da Estação Experimental do Seridó, o jornalista Assis Chateaubriand, diretor dos *Diários Associados*, esteve por mais de uma oportunidade nessa região. Graças ao contato com Chateaubriand, suas pesquisas foram amplamente divulgadas na revista *O Cruzeiro*. O famoso jornalista tornou-se posteriormente um grande divulgador desses trabalhos, relacionados com o desenvolvimento de novas variedades da espécie, técnicas de melhoramento genético e aspectos fitossanitários, realizados pelo pesquisador Fernando Melo e pela Estação Experimental do Seridó.

Como consequência do destaque dos trabalhos com a cultura do algodão, foi realizado no Seridó – Cruzeta e Currais Novos o II Congresso Nacional do Algodão, em setembro de 1954, que alcançou pleno êxito e repercussão nacional.

Após essa fase no Seridó, Fernando Melo chefiou a Estação Experimental de Alagoinha, na Paraíba, e, pouco tempo depois, já livre-docente em Agricultura Especial e Genética pela Escola Nacional de Agronomia – Km 47 da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1957, é convidado a juntar-se ao grupo de intelectuais responsáveis pela elaboração do Primeiro Plano Diretor e pela fundação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), sob a liderança de Celso Furtado, em Recife.

Em 1960, por meio de concurso público de provas e de títulos, com defesa de tese, torna-se doutor e livre-docente de Agricultura Geral pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, atual Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Ingressa na UFPB também em 1960, onde se torna professor de Estatística e, posteriormente, professor titular de Administração Rural, coordenador do mestrado em Administração, presidente do Conselho Curador e diretor do Instituto Central de Matemática.

Novamente retorna à Sudene, em 1967, como diretor de Agricultura e Abastecimento na gestão do superintendente General Euler Bentes Monteiro, que seria candidato à presidência da República pelo MDB contra o General Figueiredo. Após a aposentadoria, recebe o título de professor emérito da UFPB.

O professor Fernando Melo publicou vários trabalhos na forma de livros, opúsculos e artigos sobre pesquisa, experimentação e economia agrícola, além de haver produzido inúmeros artigos para publicação em jornais, alguns textos historiográficos e pelo menos um romance “agropecuário” denominado *Cupim de aço*, ambientado claramente no Seridó, no Rio Grande do Norte.

Recebeu diversos prêmios e comendas, destacando-se o Prêmio Moinhos Recife; a Medalha de Ouro 1967; a medalha comemorativa do Decênio da Sudene; o Diploma Embrapa pelos trabalhos com o Algodoeiro; e a Medalha de Mérito – Estado de Pernambuco, em 1967.

Era sócio da União Brasileira de Escritores (UBE) e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

João Barbosa de Lucena

ACADÊMICO TITULAR

JOÃO BARBOSA DE LUCENA nasceu em João Pessoa no dia 13 de março de 1939, filho de José Barbosa de Lucena e Rosa Maria da Conceição. É casado com Maria das Dores de Castro Lucena (Dorita), nascida no município de Alagoa Grande -PB. Desse matrimônio, nasceram quatro filhos: Adriana, Andrea, Adalberto e Alexandre José, além de sete netos.

Foi criado no município de Alagoinha/PB, mais precisamente no engenho denominado Ribeiro Novo, onde concluiu o curso primário (hoje, Ensino Fundamental I) numa escola pública e contou com o apoio e a extraordinária sabedoria das professoras Hilda Gondim e Maria Marques Pontes. De lá saiu para fazer o exame de admissão no Colégio Pio X, em João Pessoa, tendo sido aprovado com distinção. Após concluir o curso ginásial (hoje, Ensino Fundamental II), suspendeu temporariamente os estudos para servir ao Exército no 1º Grupamento de Engenharia e Construção, sediado na capital paraibana. Terminado o tempo de serviço militar, voltou ao Colégio Pio X, onde concluiu o curso científico (hoje, Ensino Médio). Durante todo o tempo em que esteve estudando em João Pessoa e servindo ao Exército, morou na casa de suas madrinhas de batismo Severina Paiva e Terezinha Paiva, pessoas muito queridas que o acolheram com muito carinho.

Em 1963, transferiu-se para a cidade de Areia/PB, para estudar Agronomia, curso que concluiu em dezembro de 1966. Logo no início dos estudos universitários, participou de concurso no Banco do Brasil para concorrer a uma vaga de avaliador de projetos agropecuários de crédito rural. Após ter sido aprovado, trabalhou naquela instituição até a formatura. Participou ativamente da vida universitária, tendo sido eleito presidente do Diretório Acadêmico Jaime Coelho de Moraes, ilustre professor de Botânica e cientista renomado.

Após a conclusão do curso, no final de dezembro de 1966, foi selecionado para trabalhar na Associação Nordeste de Crédito e Assistência Rural - Ancar/PB, uma instituição financiada pelos governos federal e estadual com área de atuação no meio rural em todos os municípios do estado. Durante os meses de fevereiro e março de 1967, participou do curso intensivo de preparação para extensionistas no Centro de Treinamento no Instituto Agrônomo de Pernambuco - Cetreino/PE, condição necessária para ingressar na Ancar/PB, se aprovado. Em junho, foi designado para trabalhar no escritório de Areia, que abrangia também o município de Remígio, na Paraíba. O escritório era localizado em uma das dependências da Escola de Agronomia e, além de prestar assistência técnica aos produtores rurais, servia como instrumento de integração da universidade com o campo. Em janeiro de 1968, foi designado para lecionar as disciplinas de Sociologia Rural e Extensão Rural no 4º ano do curso superior de Agronomia, lecionando essas disciplinas, também, no ano letivo de 1969.

Em janeiro de 1970, foi transferido para o escritório central da Ancar/PB, em João Pessoa, tendo sido indicado para assumir a Coordenação de Planejamento e Estudos. Os quase três anos trabalhando no escritório de Areia foi um período de muito trabalho e desafios, mas

também de muito aprendizado, além da satisfação de ter contado com o apoio de seus antigos professores, como Manoel Felix, Aderaldo Leocádio, Aloysio Araújo, Manoel Gouveia e tantos outros. No segundo semestre de 1971, participou, em Fortaleza, do curso de Planejamento e Execução de Programas Regionais de Desenvolvimento Rural Integrado, promovido pela Universidade Federal do Ceará (UFCE), pelo Banco do Nordeste do Brasil e pelo Centro de Estudos da Colonização Rural e Urbana de Hehovot – Estado de Israel, com duração de 6 meses.

No período 1975/1976, voltou a Fortaleza, dessa vez para fazer o curso de mestrado em Economia Rural no Departamento de Economia da UFCE. Concluídos os créditos, cometeu um erro estratégico: mudou-se para João Pessoa para preparar o trabalho de dissertação, que seria avaliar a rentabilidade das empresas agrícolas na região do Brejo da Paraíba. Porém, logo foi atraído para trabalhos demandados pelo governo do Estado, especialmente pela Secretaria da Agricultura e abastecimento e, aos poucos, as atividades da dissertação foram ficando em segundo plano, culminando com a perda do prazo para apresentação.

Trabalhando então na Secretaria de Agricultura, Irrigação e Abastecimento, foi chefe de gabinete do secretário e coordenador da Assessoria Especial. Em 1978, foi nomeado diretor executivo da Comissão Estadual, com a missão, entre outras, de coordenar a execução dos Projetos de Desenvolvimento Rural Integrado financiados pelo Banco Mundial em cinco regiões do estado.

Em 1979, foi indicado pelo estado para estruturar e ser o primeiro presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária da Paraíba - Emepa S/A, tendo como sócia minoritária (49%) a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), atualmente uma das melhores empresas de pesquisa agrícola do mundo e responsável pelo que é hoje o dinâmico agronegócio brasileiro, abastecendo o mercado local e exportando alimento para muitos países. Cumprida essa missão, em 1982 foi novamente indicado para estruturar a Fundação de Desenvolvimento Agropecuário da Paraíba - Fundap, sendo também o primeiro presidente dessa empresa. Durante os quatro anos e meio como presidente, foram regularizadas e tituladas 37.500 propriedades rurais, outras 2 mil foram assentadas, em áreas adquiridas. O desafio maior foi prover essas famílias com educação, saúde, abastecimento d'água, energia e projetos produtivos.

Em setembro de 1986, foi convidado pelo Banco Mundial para trabalhar, como consultor, na área de planejamento e supervisão de projetos de desenvolvimento das comunidades rurais e projetos de regularização e redistribuição de terras. Os projetos de desenvolvimento rural eram concentrados nos nove estados do Nordeste, enquanto o de regularização fundiária era de âmbito nacional. A coordenação da execução desses projetos era concentrada no escritório do Banco Mundial em Recife, que funcionava na sede da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Aos poucos, o Banco Mundial foi expandindo esse modelo de desenvolvimento rural para outras regiões. Assim, na segunda metade da década de 1990, a equipe de Recife era muito solicitada para participar de missões em outros países, principalmente na América do Sul, na América Central e na África. Por conta dessa demanda, já como funcionário efetivo do Banco, foi designado para participar de missões na Bolívia, no Peru, na Costa Rica, na Guatemala, no Malawi, no México e em Moçambique. O último trabalho no exterior foi no México, em 2006, na preparação de um projeto para jovens rurais. Em 2004, foi aposentado pelo banco, mas continuou trabalhando como consultor até 2007.

Foram 21 anos de trabalho árduo, mas valeu à pena pela experiência adquirida e os resultados alcançados. É impossível falar dessa experiência no Banco Mundial sem falar do apoio recebido da esposa Dorita, que ficava com os quatro filhos do casal, todos adolescentes, nas constantes viagens e longa ausência.

Em 1992, criou uma empresa de construção civil, a ABC Engenharia, Construções e Incorporação Ltda., em sociedade com o engenheiro civil Adalberto Uchôa e com Antônio Quintino Patrício. Em 1996, o filho mais velho Adalberto formou-se em Engenharia Civil em Recife e veio para João Pessoa trabalhar na empresa. No final de 2000, o filho caçula Alexandre José formou-se em Engenharia Civil e foi também trabalhar na empresa, que já tinha crescido o suficiente para acomodar os dois novos engenheiros. Em 2005, com a aposentadoria do sócio Antônio Patrício, a sociedade foi desfeita e foram criadas a Construtora ABC Ltda., uma empresa familiar composta pelo pai e quatro filhos, e a ABC Construções Ltda., composta por Adalberto Uchôa e seu filho único, Adalberto Neto. Ambas cresceram e são referência no mercado.

Depois que deixou o Banco, concentrou seu trabalho na construtora, que a essa altura já era bem mais robusta. Em 2012, foi eleito vice-presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon/JP) e, em 2015, foi eleito presidente para um mandato de três anos. Em 2017, foi indicado para um mandato de dois anos como membro titular do Conselho Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Atualmente, além de se dedicar à administração de sua empresa, administra também sua propriedade rural, a mesma onde se criou e aprendeu as primeiras letras.

Falando sobre o pai, em sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP), sua filha médica, Andrea, assim se expressou: “Ele tem um espírito guerreiro, movido a desafios”.

Cadeira n° 14



Patrono

Ivanilton Martins Dinoá



Fundador

Valdês Borges Soares



Acadêmico Titular

José William Montenegro Leal

Ivanilton Martins Dinoá

PATRONO

IVANILTON MARTINS DINOÁ nasceu na cidade de Natuba, Paraíba, no dia 20 de março de 1938. Filho de Osvaldo Cavalcante Dinoá e Maria Martins Dinoá, foi o terceiro filho de quatro irmãos de família humilde. Contraiu núpcias com Rejane Nunes Mendonça e dessa união nasceram seus três filhos: Patrícia, Leonardo e Luciana.

Aos 3 anos, seguiu para a cidade de Itabaiana, Paraíba, com toda a família, onde a mãe exercia o cargo de diretora do Grupo Escolar da cidade e o pai era funcionário municipal. Iniciou seus estudos nessa escola e ali permaneceu até concluir o primeiro grau (hoje Ensino Fundamental).

Com muita dificuldade, a família conseguiu para ele uma vaga no Lyceu Paraibano (hoje Colégio Estadual de João Pessoa), onde cursou os dois primeiros anos do segundo grau (hoje Ensino Médio). Durante esse tempo, abrigou-se no Instituto Padre Zé Coutinho, local destinado a acolher aqueles que estavam na cidade para trabalho, estudo ou em busca de atendimento médico e que não dispunham de condições financeiras para serviços de hospedagem.

Para seus pais, foi muito difícil ver o filho tão jovem partir num ônibus de Itabaiana para João Pessoa para morar em um abrigo longe da família. Ivanilton sempre contou que nunca se esqueceu da cena em que viu seus pais chorando e acenando para ele com o coração tão cheio de preocupação, mas certos de que essa era a oportunidade que ele teria para buscar um futuro melhor.

Durante esse período de estudos no Lyceu Paraibano, em janeiro de 1958 foi aprovado em concurso público para o Banco do Brasil. Posteriormente, conseguiu bolsa de estudos e finalizou o segundo grau no Colégio Marista Pio X. Nessa época, já bancário, trabalhava na agência de Itabaiana durante o dia, e à noite, por não dispor de um meio de transporte próprio, se dirigia a João Pessoa em qualquer tipo de transporte alternativo que conseguisse, muitas vezes viajando em caminhões que transportavam cargas.

Ingressou na Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba (EEUP) em 1960, onde ficou até dezembro de 1965, formando-se em Engenharia Civil.

Seis meses após a conclusão do curso de Engenharia, ingressou como professor substituto na EEUP, ministrando a disciplina Concreto Armado. Efetivou-se como professor da UFPB em 1966, ministrando as disciplinas Concreto Armado I e II e Construção de Estruturas Especiais. Em 1974, foi designado membro *pro tempore* do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe), na qualidade de representante do Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba (CT/UFPB). Permaneceu nessa universidade até 1992, quando se aposentou. Diante do sonho de seguir a carreira de engenheiro civil, resolveu pedir demissão de seu cargo no Banco do Brasil em 1967, o que causou espanto e protesto de todos, pois se tratava na época de um trabalho de muita relevância. No ano seguinte, iniciou sua

carreira como funcionário público estadual, trabalhando no extinto Montepio do Estado da Paraíba, onde desenvolveu seus trabalhos até o ano de 1975. Nesse mesmo ano, passou a trabalhar para o Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (IPEP), onde exerceu o cargo de coordenador de programas habitacionais, intercalando passagens pela Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap/PB), ocupando esse mesmo cargo. Nesse período, fiscalizou a construção de grandes obras de habitações populares, dentre elas os Conjuntos Habitacionais Castelo Branco, Mangabeira, Ernani Sátiro e Valentina Figueiredo, todos em João Pessoa. Participou de obras históricas do estado, destacando-se a construção do viaduto Damásio Franca, a Praça 1817 e a restauração do Mosteiro de São Francisco, na época em que esteve à frente de cargos relevantes do funcionalismo público estadual.

No início de 1975, criou a I. M. Dinoá Projetos e Construções Ltda. A empresa funcionou até o fim de sua vida e foi responsável por construções de casas, edifícios, agências bancárias, entre outros, e pela elaboração de diversos projetos estruturais de edificações residenciais e comerciais. Convidado pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 13ª Região em 1990, exerceu o cargo de coordenador dos trabalhos técnicos de construção do Edifício Sede desse tribunal em João Pessoa. Também, em duas oportunidades, exerceu a função de coordenador do Setor de Engenharia do Tribunal de Justiça (TJ) da Paraíba, estando à frente de grandes obras, como o Fórum da Cidade de Campina Grande e o Edifício Sede do Fórum Criminal de João Pessoa.

A convite da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), em 1994, participou, em conjunto com uma equipe multidisciplinar de profissionais, da elaboração do Plano Diretor da Capital. No ano de 2002, encerrou suas atividades para órgãos públicos, passando a se dedicar apenas à I. M. Dinoá e ao esporte, uma das grandes paixões de sua vida.

Foi um grande esportista. Atleta e incentivador de diversos esportes, foi jogador profissional do Santos Futebol Clube da Paraíba e participou ativamente de diversos Jogos Escolares e Universitários, disputando sempre nas modalidades de futebol de campo e de salão, nas quais era considerado um jogador de destaque. Encontrou, no final dos anos 1980, sua maior motivação esportiva – o tênis. Além de praticante, foi incentivador do desenvolvimento do tênis no estado da Paraíba. Criou a Federação Paraibana de Tênis, organizou diversos torneios de nível nacional na cidade, e, com muita dificuldade, contando com a ajuda de diversos amigos, construiu o Centro Tenístico Paraibano, um centro sem fins lucrativos que abriga cinco quadras de tênis, cujo espaço os associados dividem com crianças carentes que participam de um programa de incentivo a alunos de escolas públicas e são recrutadas para aprender a jogar, recebendo merenda e material para a prática do esporte.

Além da prática do esporte, era na pesca que encontrava momentos de lazer e descontração. Em seu barco de pesca, chamado de Pixote, viveu momentos inesquecíveis, eternizados em um livro de sua autoria: *Histórias e estórias de pescador*. O livro conta os momentos vividos no mar com seus companheiros de pescaria, bem como divertidas histórias de pescador.

O escritor, grande cronista e advogado Luiz Augusto Crispim assim escreveu em um artigo intitulado “O navegador”, no jornal *Correio da Paraíba*:

[...] De que lhe serviria o peso se não sabia medir nem pesar em nada na vida? Na vida de Ivanilton Dinoá tudo gozava da insustentável leveza do bem. Fez-se leve na vida, para ser fiel ao destino dos pássaros e das velas que flutuavam livremente no horizonte em torno de si

[...]. O que pesava, de verdade, no seu ser era o espírito generoso de homem bom. Era puro sem pensar que o fosse. E isso não lhe pesava nem um pouco na vida. Aliás, nada lhe excedia em volume ou espaço. A começar de si próprio. E assim, carregava consigo a vocação de flutuar acima de tudo. Quando cansava de pairar sobre a terra, fazia-se ao mar, onde gozava da mesma natureza dos peixes, das algas e das conversas de marear. E assim ganhava a terra e o mar. Até na quadra de tênis ganhava sem ofender. A bem da verdade preferia fazer de conta que não era ele ganhando, mas sim a gente perdendo nos erros que ele não cometia jamais. Depois de todos esses anos, a presença leve de Ivanilton a bordo do Pixote ou por trás daquela raquete deixou-se a certeza de que o homem nasce bom e, quando quer, ainda consegue se tornar melhor. É o que está escrito em toda a sua vida. É o que restará para sempre escrito na lembrança de quem conviveu com Dinoá [...]. Segue o seu destino do navegador de alma leve [...].

Foi o responsável direto pela criação de uma empresa de geotécnica, a qual denominou VBS Consultoria de Engenharia Ltda. Doou desde a sala até os móveis. Essa empresa cresceu, multiplicou-se e se dividiu em duas, que hoje se chamam Coneresolo Consultoria em Concreto e Solos Ltda. e Copesolo Estacas e Fundações Ltda.

Ivanilton partiu em 16 de maio de 2005, deixando um legado de honradez e dignidade por onde passou, como pessoa e como profissional. Sua magnanimidade eternizou nos seus amigos sentimentos de consideração, respeito, admiração e agradecimento. O conjunto de sua obra é muito grande, razão pela qual ele se eternizou nos corações daqueles que fizeram parte do seu convívio.

Valdês Borges Soares

ACADÊMICO FUNDADOR

VALDÊS BORGES SOARES nasceu em 2 de janeiro de 1948 na cidade de Bananeiras, Paraíba. É filho de Manoel Soares de Lima e Angelita Borges Soares.

Graduou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1971, quando faltava um ano para concluir o bacharelado em Física.

Foi professor de Física no Curso Paraibano, nos colégios das Lourdinhas, Pio XII e Lins de Vasconcelos, em João Pessoa, e no Curso das Damas e na Fundação da Universidade Regional do Nordeste (Furne), em Campina Grande. Quando cursava a universidade, foi monitor de Mecânica dos Solos e de Física na UFPB. Ingressou por concurso público no Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em 1974, e lá desenvolveu as atividades de chefe do Laboratório de Solos II e professor das disciplinas Fundações e Empuxos de Terra nos cursos de graduação e pós-graduação em Engenharia Civil.

Defendeu dissertação de mestrado em Geotecnia sobre argilas orgânicas moles do Recife no Centro de Ciência e Tecnologia na Universidade Federal de Campina Grande (CCT/UFCG) em 1975. No período entre 1975 e 1979, foi professor de pós-graduação em Geotecnia, tendo sido orientador de três dissertações de mestrado no CCT/UFCG. No Centro de Tecnologia da UFPB, foi professor de Materiais de Construção e Mecânica dos Solos II, chefe de departamento, vice-diretor e, posteriormente, diretor do CT. Foi também membro do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFPB.

Publicou artigos científicos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos (MIT).

Dentre suas condecorações, destacam-se: título de Cidadão Pessoaense concedido pela Câmara Municipal de João Pessoa; troféu Engenheiro do Ano, do Sindicato da Indústria da Construção e do Mobiliário do Estado da Paraíba (Sinduscon/PB); troféu Destaque da Engenharia, do Sinduscon/PB; e Medalha do Mérito 2018, honraria entregue anualmente a doze importantes nomes da engenharia brasileira, recebida em Maceió, Alagoas, durante a Semana Nacional de Engenharia e Agronomia, pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea).

Exerceu durante 28 anos a função de diretor técnico das empresas Coneresolo Consultoria em Concreto e Solos Ltda. e Copesolo Estacas e Fundações Ltda. Nesse período, projetou e executou aproximadamente 1.150 obras de fundações, sendo cerca de 750 delas obras de melhoramento de solos arenosos com estacas de compactação e 400 obras de fundações profundas convencionais (estacas e tubulões), nos estados da Paraíba (80%), Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 4 de agosto de 2019, aos 71 anos de idade, deixando uma grande lacuna na engenharia paraibana e nacional, além de inúmeros amigos.

LIVROS PUBLICADOS:

A prática de fundações no Nordeste [em coautoria]. Recife: Associação Brasileira de Mecânica dos Solos/Ed. Universitária da UFPE, 2005.

Estacas de compactação: melhoramento de solos arenosos. 2. ed. João Pessoa: Imprel, 2010.

Memórias de Bananeiras. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2017.

José William Montenegro Leal

ACADÊMICO TITULAR

JOSÉ WILLIAM MONTENEGRO LEAL nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 25 de setembro de 1961. Filho de José William Lemos Leal e de Vera Maria Montenegro Leal, foi o primogênito da família. Em seguida vieram as irmãs Rosa Virgínia e Giovanna. É casado com Maria das Graças Rocha Montenegro Leal e tem dois filhos, João de Brito Moura Montenegro Leal e Rosa Francisca Rocha Montenegro Leal.

Ainda nos primeiros meses de vida, foi morar em Alagoa Grande, pujante cidade do Brejo Paraibano, onde, na infância, fez parte da turma fundadora do Externato Dom Pedro II, sob a direção da saudosa professora Araci Nóbrega Montenegro. Em janeiro de 1971, retornou em definitivo a João Pessoa e ingressou no Colégio Marista Pio X, onde cursou o primeiro e o segundo graus (hoje, Ensinos Fundamental e Médio).

Aos 17 anos, foi aprovado em Engenharia Civil na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e, no segundo ano de curso, já se dedicava ao sonho da sua vida, a construção civil. Em 1984, ainda acadêmico, se associou à Conserpa, empresa já consolidada havia treze anos, atribuindo-lhe um novo enfoque: o mercado imobiliário. Com o olhar no binômio da identidade nacional e do meio ambiente, propôs nomear com os nomes de rios os empreendimentos, em homenagem à região amazônica brasileira: Rio Negro, Rio Amazonas, Rio Tapajós, Rio Madeira, Rio Guaporé, Rio Arauá, Rio Mamoré – o primeiro a romper a barreira dos quarenta pavimentos na Paraíba –, entre tantos que hoje consolidam a imagem dos produtos entregues à sociedade.

Em 1990, reforçou sua participação no mercado associando-se às Construtoras Água Azul e Enger, formando o Grupo Conserpa Enger, que conta hoje em seu portfólio com mais de cem empreendimentos entregues na Paraíba e no Rio Grande do Norte, destacando-se pela tradição, pela dedicação, pela confiança, pela inovação e pela credibilidade.

Eleito presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon/JP) em 1994, capitaneando outros jovens empresários, sob o lema “Liderança e Representatividade Rumo ao Terceiro Milênio”, colocou em prática um novo modelo de gestão, aproximando os associados, estreitando os laços com a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), a Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil (CBIC), a Confederação Nacional das Indústrias (CNI), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), à época Escola Técnica Federal da Paraíba, o Ministério Público, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea) e o *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba* (IPHAEP), entre outros.

Ocupou também os cargos de secretário de Desenvolvimento e Controle Urbano na Secretaria de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sedurb) de João Pessoa; de secretário de Planejamento na Secretaria de Planejamento (Seplan) da prefeitura de João Pessoa; de presidente do Fórum Nordestino da Construção; de vice-presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC); e de vice-presidente da Fiep, onde sempre propôs soluções e defendeu arduamente a solução dos problemas demandados.

Em 2018, após dezoito anos, reassumiu a presidência do Sinduscon/JP com novos desafios, mas com a mesma energia e o mesmo compromisso de outrora. Atualmente, participa de vários conselhos, como o da Comissão de Infraestrutura da Federação Nacional da Indústria (Coinfra/CNI), o da CBIC, o da Fiep e o do Sistema de Cooperativas Financeiras do Brasil (SICCOOB/PB, nos quais envida esforços no intuito de fomentar a engenharia civil e a cadeia produtiva da indústria da construção.

Recebeu, nos anos de 2002 e 2003, respectivamente, as honrosas comendas Medalha Cidade de João Pessoa, concedida pela Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) e Medalha Epitácio Pessoa, recebida da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB).

Não obstante, o botafoguense apaixonado, essencialmente irrequieto, enveredou por novas atividades econômicas, a exemplo da hotelaria e da gastronomia, nas quais continua ávido por desafios, sem esquecer sua paixão maior pela engenharia, como foi desde seus primeiros passos empreendedores. Respeitado e habilidoso, foi convidado a proferir diversas palestras ao longo de sua trajetória, sempre enaltecendo e impulsionando a engenharia paraibana, valorizando a qualidade de vida e a humanização dos canteiros de obra, fomentando o uso de novas tecnologias e estimulando a prevalência do diálogo e do bom relacionamento entre o público e o privado, predicados que o fazem ser reconhecido como um dos líderes empresariais do estado.

Cadeira n° 16



Patrono

Gutenberg de Castro



Acadêmico Titular

Otávio Falcão de Oliveira Lima

Gutenberg de Castro

PATRONO

GUTENBERG DE CASTRO, nasceu em João Pessoa aos 17 dias do mês de março de 1928. Era filho de Tertuliano Paulo de Castro e de Hosmida de Oliveira Castro. Casou-se em 1965 com Elaine de Souza Castro. Do enlace nasceram dois filhos: Frederico Euler e Ingrid, que lhes deram dois netos.

Iniciou seus estudos primários (hoje, Ensino Fundamental I) no Grupo Escolar Isabel Maria das Neves. Em seguida, matriculou-se na Escola Industrial ou Escola de Artífices, denominada posteriormente Escola Técnica Federal da Paraíba e atualmente Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Nesse educandário, concluiu parte do curso ginasial (hoje, Ensino Fundamental II), finalizando no Lyceu Paraibano, onde também realizou o curso científico (hoje, Ensino Médio).

Prestou vestibular para Engenharia Civil na Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba (EEUP), hoje Centro de Tecnologia (CT) da UFPB, e colou grau em 18 de dezembro de 1964.

Gutenberg não era afeito aos esportes. Como estudante, participava, nos Jogos Universitários, apenas dos desfiles e da competição de lançamento de dardo. Sua noiva Elaine praticava atletismo, disputando as modalidades de salto em altura e corrida.

No período universitário, já fazia parte do quadro de funcionários do Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER/PB), onde iniciou seu trabalho como desenhista, chegando finalmente a diretor de Estudos e Projetos desse departamento.

Mediante concurso público na UFPB, tornou-se professor assistente da cadeira de Estradas e Transportes, substituindo eventualmente o titular, professor José Rolderick da Rocha Leão. Por insistência da direção do IFPB, ministrou, no período noturno, sem vínculo empregatício, aulas na área de construção de estradas. Trabalhou também na construção civil, sempre que podia compatibilizar seus horários de trabalho, esquecendo um pouco a área de estradas.

Durante o governo João Agripino Filho, foi designado para ocupar a diretoria de Projetos da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), órgão criado durante esse governo com o objetivo de centralizar a execução e a fiscalização de todas as obras realizadas no estado da Paraíba.

Os dois poemas de autoria de sua esposa Elaine transcritos a seguir contam um pouco da história do casal.

Magia (Recordações...)

Eras meu

E nem sabia

Nem te conhecia...

Não sabia

Que te conhecia...

Vi teu retrato

Pura Magia

Eras meu

E já sabia

Éramos dezesseis

(De Gutenberg, por Elaine, como se fora inspiração psicografada)

Éramos jovens rapazes, dezesseis

Rompendo todas as barreiras

Aventureiros inocentes

Mergulhadores descuidados

Ousando profundezas

Saltos estelares

Depois nos multiplicamos, nos dividimos

Equações compostas

Zeros a mais, zeros a menos

Encontramos parcerias

Somando alegrias

Subtraindo tristezas

Eternizando-nos na herança.

Aos 19 dias do mês de outubro de 1972, faleceu aos 44 anos no navio-hospital-escola norte-americano (Hope) ancorado na cidade de Natal/RN. Havia sido conduzido pelos médicos paraibanos, com aquiescência da família, para esse hospital, na esperança de se esclarecerem as causas da resistência aos procedimentos utilizados para restabelecimento de sua saúde na cidade de João Pessoa.

Até hoje é lembrado com respeito e saudade por todos que foram privados de sua convivência (familiares, amigos, alunos e colegas). Deixou para os que com ele conviveram um exemplo de honestidade e profissionalismo.

Otávio Alfredo Falcão de Oliveira Lima

ACADÊMICO TITULAR

OTÁVIO ALFREDO FALCÃO DE OLIVEIRA LIMA nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 29 de setembro de 1956, filho de José do Patrocínio de Oliveira Lima e Maria Naluce Falcão de Oliveira Lima. Foram seus avós paternos Benício de Oliveira Lima e Amália da Cruz Oliveira Lima, e maternos Octávio Monteiro Falcão e Josefa Fernandes Falcão. De seu casamento com Edilma Virgínia Vasconcelos Falcão de Oliveira Lima, nasceram duas filhas, Virgínia Falcão de Oliveira Lima e Cláudia Falcão de Oliveira Lima, tem uma neta, Laura Falcão Miranda.

Concluiu o curso primário no Colégio Marista Pio X. Após a aprovação no exame de admissão, ingressou no curso ginásial (hoje, Ensino Fundamental), no Colégio Pio X, onde continuou seus estudos até a conclusão do científico (hoje, Ensino Médio), em 1974. Estudou simultaneamente no Curso Águia, preparatório para o vestibular.

Destacou-se como esportista em todas as modalidades que praticou. Fez parte da Seleção de Futebol de Campo do Colégio Pio X. Sempre foi integrante das seleções das turmas que cursou, nas modalidades de: Futebol de Campo, Futebol de Salão, e Voleibol. Começou a jogar Tênis de Campo aos 8 (oito) anos de idade, sendo Campeão Paraibano aos 15 anos e 18 anos. Participou, jogando Tênis de Campo, dos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), representando a Paraíba, em 1978, em Curitiba/PR. Também como adolescente participou dos jogos nacionais do Banco do Brasil, no ano de 1980, em Brasília, fazendo dupla com seu pai, José do Patrocínio de Oliveira Lima, que foi Presidente da Federação Paraibana de Tênis (FPT), no ano de 1976. Foi Campeão Brasileiro de Tênis de Campo, nos jogos Nacionais da Caixa Econômica Federal (CEF), em 1987.

Graduou-se em Engenharia Civil na Universidade Federal de Paraíba (UFPB) no período de 1975 a 1979. Graduou-se também em Administração de Empresas na Universidade Federal de Paraíba (UFPB), em 1985. Também fez o Curso de Técnico de Corretor de Imóveis, em 1984.

Tem mais de trinta participações em cursos, congressos, seminários e simpósios no Brasil, dentre estes como palestrante, no XIX Congresso Nacional de Corretores de Imóveis – maio/2002, no 5º Encontro de Engenharia e Arquitetura da Paraíba (1999), e no 3º Encontro de Engenharia e Arquitetura da Paraíba (1997).

Trabalhou na construtora Marquise Ltda, na construção de 738 unidades habitacionais no conjunto Mangabeira I, em João Pessoa/PB. Atuou na secretaria de habitação e saneamento do estado da Paraíba, na fiscalização das obras do conjunto Mangabeira I, em João Pessoa/PB

No Banco Nacional da Habitação (BNH) desempenhou a função de Chefe de

Fiscalização de Obras em todo o estado da Paraíba, inclusive também acompanhando a construção de unidades habitacionais em solo cimento, num programa pioneiro no estado e na construção de casas em placas de concreto, nos municípios de Sousa, Sapé, Lucena, Ouro Velho, através do chamado “Projeto Mariz”, cuja execução de várias casas se dava num único dia. Foi também de Chefe da Carteira de Saneamento, fazendo a gestão financeira dos contratos com a Companhia de Saneamento do Estado e com as Prefeituras.

Em 1986 foi candidato a Deputado Federal, pelo MDB, à Assembleia Constituinte, no intuito de participar politicamente da redemocratização do País. No entanto não obteve êxito.

Na Caixa Econômica Federal (CEF), onde trabalhou durante 36 (trinta e seis) anos, dentre os quais 35 anos como Gestor. Atuou como Gerente de Núcleo do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Urbano (FAS), Foi Gerente de Operações de Saneamento e Desenvolvimento Urbano, sendo responsável pelo financiamento de grandes obras de Saneamento Básico, através da Cagepa, como a ampliação dos Sistemas de Abastecimentos d’água de João Pessoa e Campina Grande. Foi assistente técnico da Superintendência da CEF na Paraíba, foi ainda Chefe da Divisão de Saneamento e Desenvolvimento Urbano, onde ajudou a implantar o “Programa Caixa dos Municípios”, numa parceria técnica e operacional com diversos municípios na Paraíba.

Assumiu a chefia da Engenharia da CEF, em janeiro de 1996, desempenhando as funções de Coordenador de Engenharia e Gerente de Engenharia, até 2010. Sendo responsável, durante 15 anos, pelo setor de engenharia da CEF em todo o estado, tanto nas obras vinculadas ao setor público quanto ao setor privado. No ano de 1998 foi implantado na CEF a prestação de serviços terceirizados de Engenharia, através de empresas, que passaram a colaborar nas análises de projetos, no acompanhamento de obras, e na avaliação de imóveis, além das obras patrimoniais. Durante esse período participou da gestão de cerca de 20 engenheiros do quadro da CEF, sendo ainda responsável pela gestão de cerca de 100 (cem) empresas com mais de 150 (cento e cinquenta) profissionais, que atuaram nesse segmento. O total de obras em andamento chegava a cerca de 1.000 (mil) anualmente. Essa função também tinha como atribuição a gestão do chamado Trabalho Social, que passou a ser implementado nos programas de Habitação e Saneamento, tanto nas obras do estado, como nas Prefeituras Municipais, executando um trabalho de sensibilização a população beneficiada, durante e após a implantação das respectivas obras, demonstrando aos beneficiários a real utilidade da obra executada.

Participou de curso ministrado pelo Instituto Pólis/SP, em junho/2002, sobre planejamento territorial, estatuto da cidade e plano diretor, sendo designado multiplicador da Caixa Econômica Federal, no Estado da Paraíba, para divulgação do Estatuto da Cidade. Teve a oportunidade de divulgar esse importante instrumento de desenvolvimento urbano, em várias instâncias e órgãos municipais e do estado.

Dentre os seus cursos de aperfeiçoamento profissional destacam-se: Gestão Urbana e Municipal (Banco Mundial), Gestão Política de Desenvolvimento Urbano (IBAM), Gestão de Sistemas de Drenagem Urbana (ABES), Avaliação Econômica e Análise de Investimento (IBAPE).

A partir de 2011 desempenhou suas atividades na Coordenação de Filial na gerência de Habitação, em João Pessoa, PB. Sendo responsável pela gestão técnica das empresas terceirizadas de engenharia e também pelo acompanhamento do processo de danos físicos em imóveis financiados pela CEF.

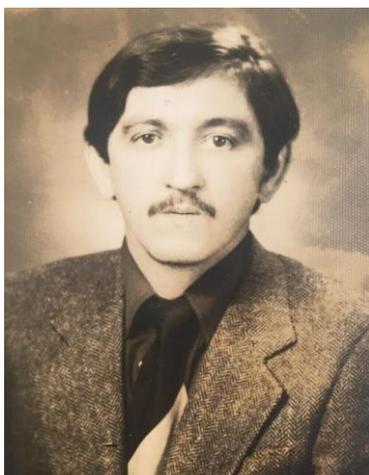
Foi também, sócio fundador da ANEAC – Associação Nacional dos Engenheiros e Arquitetos da CEF.

Participa, como membro titular, do Conselho de Desenvolvimento Urbano do Município de João Pessoa desde 1998 até esta data (2022), com uma pequena ausência referente a meados de 2017 a meados de 2018, perfazendo assim quase 22 anos, sendo considerado hoje o decano daquele conselho. Foi designado Relator da Comissão Especial do Conselho de Desenvolvimento Urbano (CDU/JP), que trata de adequar o Plano Diretor de João Pessoa ao Estatuto da Cidade, Lei n.º 10.257/01, em julho de 2001.

Atualmente continua como membro titular, do Conselho de Desenvolvimento Urbano do Município de João Pessoa (CDU/JP), sendo Membro da Comissão Especial para acompanhar a análise e estudos da Revisão do Plano Diretor da cidade de João Pessoa.

Foi Conselheiro Titular do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – CREA/PB, em dois períodos de: 2012/2014 e 2015/2017. Na conclusão de cada mandato, recebeu o título de Serviços Relevantes Prestados à Nação. Ocupou a 2ª diretoria de tesouraria do CREA/PB. Atualmente exerce o mandato de Conselheiro Regional do CREA/PB, com mandato até 2024.

Cadeira n° 20



Patrono

Paulo Fernando Espinola



Acadêmico Titular

Carlos Alberto Batinga Chaves

Paulo Fernando Espínola

PATRONO

PAULO FERNANDO ESPÍNOLA nasceu na cidade de Misericórdia, hoje Itaporanga, no Vale do Piancó, Alto Sertão da Paraíba, em 17 de março de 1943. Era filho de Francisco Floriano da Nóbrega Espínola e Margarida Nair Espínola. Casou-se com Maria da Penha Monteiro Espínola e tiveram três filhos: Francisco José, Érica Margarida e Eveline, além de cinco netos: Paulina, Bruno, Alice, Jéssica e Nicole.

Segundo filho de uma prole de oito irmãos, desde pequeno se distinguiu por sua inteligência e precocidade. Tendo aprendido a ler muito cedo, era o predileto do seu avô materno, Josué Pedrosa, que o exibia para os matutos, lendo jornais e escrevendo cartas para eles, nos dias de feira. Seu pai, magistrado, percorreu muitas comarcas como juiz. Assim, Paulo viveu boa parte da sua infância em várias cidades do estado, como Pombal, Patos e Guarabira, até que o pai veio para João Pessoa, nomeado para a comarca da capital em 1952, quando Paulo tinha 9 anos.

Estudou o curso primário (hoje, Ensino Fundamental I) em escolas particulares em cidades da Paraíba. O curso ginásial (hoje, Ensino Fundamental II) foi realizado no Colégio Marista Pio X, e o curso científico (hoje, Ensino Médio), concluído em 1961, no Lyceu Paraibano.

Prestou o exame vestibular para Engenharia na Escola Politécnica de Campina Grande, atualmente Centro Tecnológico da Universidade Federal de Campina Grande (CT/UFCG), onde ingressou em 1962. No ano seguinte, transferiu-se para a Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba (EEUP), formando-se em Engenharia Civil em 1966.

Ingressou como engenheiro na Petrobras por concurso nacional, em 1967, e lá fez mestrado em Engenharia de Petróleo, seguindo-se uma bem-sucedida carreira na maior empresa brasileira.

A partir de 1968, foi trabalhar no campo de petróleo Carmópolis, em Sergipe. Lá, foi pioneiro nos trabalhos de produção de petróleo no mar, assim como em atividades de completação, avaliação e estimulação de poços.

Permaneceu no Nordeste até 1975. Em 1976, foi chefiar os trabalhos de completação de poços para a Petrobras Internacional (Braspetro) no Iraque, no campo de Majnoon. Foi morar na cidade de Basra, maior porto e segunda maior cidade do Iraque. Estava trabalhando quando seu poço foi bombardeado pelos F-111 do Irã. Havia estourado a guerra Irã-Iraque.

A Guerra Irã-Iraque foi um conflito militar que resultou de disputas políticas e territoriais entre os dois países. Começou quando os iraquianos invadiram o território iraniano, em 22 de setembro de 1980. Sadam Hussein, ditador do Iraque, esperava que o caótico Irã pós-revolução não tivesse condições de resistir ao avanço de suas tropas, e invadiu sem declarar guerra formalmente, mas o progresso foi lento e o ataque acabou sendo repellido. Em 1982, os iranianos lançaram sua contraofensiva e tomaram a iniciativa. Paulo Espínola e seus

companheiros da Petrobras fugiram para Basra, onde integraram uma caravana de estrangeiros, e se dirigiram para Bagdá. Chegaram à capital a tempo de assistir ao seu bombardeio. Desviaram, então, para o Kuwait, onde conseguiram chegar em segurança e retornar ao Brasil. Paulo passou a residir no Rio de Janeiro, prestando serviços na sede nacional da Petrobras.

Trabalhou posteriormente na área internacional da Petrobras, no Egito, na Líbia, na Guiana, nos Estados Unidos, na Argélia, no Iêmen e em Cingapura, até 1985. Em Cingapura coordenou, durante dois anos, as atividades de acompanhamento de construção, comissionamento e pré-operação da plataforma PNA-2, destinada à bacia de Campos.

De volta ao Brasil, foi nomeado o primeiro gerente de Plataforma (Geplat) da PNA-2. Depois, chefiou a plataforma de Namorado, na Bacia de Campos, no estado do Rio de Janeiro. Coordenou também as atividades de acompanhamento de construção, comissionamento e pré-operação da Plataforma-18 e da Plataforma-20, em Paranaguá, no Paraná.

Foi também Geplat da PCH-2 e da PNA-1 e participou do comissionamento e da pré-operação das plataformas do Polo Nordeste.

Notabilizou-se pela dedicação à Petrobras e ao seu trabalho. Num episódio memorável, em abril de 1988, recusou-se a deixar a plataforma do campo de Enchova, que estava se incendiando, enquanto não realizou toda a inspeção necessária para aquilatar seus danos. Por sua dedicação e pelo caráter sincero e simples, era muito querido e respeitado por seus colegas, dos quais alguns eram os seus melhores amigos. Dentre os quadros da Petrobras, participava de um grupo seleta, entre eles Alfeu Valença (pernambucano que chegou a presidir a estatal) e Hélio Marinho Lins Falcão (paraibano que durante muito tempo exerceu cargos de direção na Petrobras). Formavam um grupo de idealistas que tinham orgulho e grande dedicação à empresa que serviam. Como exemplo, só abasteciam seus carros particulares em postos da Petrobras, entre outras demonstrações de apreço.

Vascaíno doente, acompanhava o seu time de coração nos campos mais recônditos do Rio de Janeiro, sendo visto em Campo Grande, Bangu e Nova Iguaçu, assistindo a jogos e torcendo pelo Vasco da Gama. Além de apaixonado por futebol, também era cinéfilo, tendo sido grande apreciador dos cinemas italiano, francês e americano. Era exímio jogador de xadrez e de pôquer.

Profundo conhecedor de música, apreciava, sobretudo, as grandes orquestras e os ritmos latinos. Gostava também dos clássicos. Era um leitor contumaz, preferindo a ficção científica e os romances de aventuras – Jules Verne, Ray Bradbury, Arthur C. Clark, H. G. Wells etc., tendo lido na infância Mark Twain e tudo de Monteiro Lobato. Enfim, se estendia aos mais variados gêneros da literatura. Era dotado de um humor peculiar, muito franco, que exercia com maestria entre os parentes e amigos.

Paulo Fernando também era pai e marido extremado e muito caseiro. Nos momentos de lazer estava sempre com a sua família, tendo viajado juntos para numerosos países. É possível dizer que, com eles, conheceu o mundo.

Com espírito associativo, ingressou na Maçonaria em 1988, na Loja Maçônica Monte Castelo, no Rio de Janeiro, tendo alcançado o Grau 33. De formação católica, tinha se tornado adepto do espiritismo, sem, no entanto, lograr uma prática constante.

Como morador do Rio de Janeiro, queixava-se da violência urbana crescente e manifestava temor de que alguém da sua família pudesse sofrer algum tipo de agressão. Gozava de excelente saúde até poucos anos antes de falecer, quando desenvolveu hipertensão arterial.

Exercia a função de Geplat da Plataforma-18 quando veio a falecer de mal súbito, em 31 de janeiro de 1998, faltando menos de dois meses para completar 55 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro.

Homenageado *post mortem* por seus colegas, foi merecidamente laureado pela Petrobras em solenidade oficial realizada no auditório da Unidade de Negócios da Bacia de Campos (UN-BC), no Rio de Janeiro, em 2008, durante a inauguração do Centro de Gerenciamento Digital Integrado Paulo Fernando Espínola. Justo reconhecimento a quem prestou serviços notáveis à estatal, tornando-se um exemplo a ser seguido pelos profissionais de engenharia da Petrobras e do Brasil.

Carlos Alberto Batinga Chaves

ACADÊMICO TITULAR

CARLOS ALBERTO BATINGA CHAVES nasceu no dia 31 de maio de 1951 na cidade de Monteiro, Cariri da Paraíba. Foi o primeiro dos quatro filhos de Natanael de Castro Chaves e Terezinha Batinga Chaves, ambos também naturais do município de Monteiro. É casado com Tarciana e teve cinco filhos, Maíra, Pedro, Nara, Alice e Lígia, que já lhe deram sete netos.

É neto de pequenos comerciantes e proprietários rurais da região, atividade seguida por sua mãe, que, logo após o casamento, abriu uma loja de tecidos na cidade. Desde criança, junto com seus irmãos, conciliava os estudos e as tarefas escolares com o apoio aos trabalhos da loja. Nas férias, o foco era desfrutar dos prazeres e alegrias da vida rural na fazenda dos avós.

Estudou o curso primário (hoje, Ensino Fundamental I) no Grupo Escolar Miguel Santa Cruz e o ginásial (hoje, Ensino Fundamental II) no Educandário da Companhia Nacional de Educandários da Comunidade (CNEC), ambos em Monteiro, na Paraíba.

Para dar continuidade aos estudos, precisou sair de sua terra natal, indo para João Pessoa em 1967, aos 15 anos de idade. Foi morar na residência do dr. Luiz Gomes de Araújo, juiz de direito e amigo de seus pais, que o acolheu por três anos enquanto cursava o científico (hoje, Ensino Médio) no Lyceu Paraibano (hoje Colégio Estadual da Paraíba). Nesse período, começou a desenvolver o gosto pela leitura, aproveitando a biblioteca da casa, que tinha um vasto acervo regionalista, por exemplo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz. Durante o tempo de Lyceu, iniciou um grande círculo de amizades que persistem até hoje e uma incursão pela política estudantil, interrompida precocemente no final do ano de 1968, com o AI-5 e o fechamento dos diretórios estudantis.

Focado em se tornar engenheiro civil, prestou vestibular em 1970 para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), logrando êxito em sua primeira tentativa e concluindo o curso cinco anos depois, em 1974. Nesse período de faculdade, passou a morar em repúblicas com colegas e contemporâneos universitários.

Em 1973, no quarto ano de Engenharia, foi estagiar na Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) com a equipe que estava elaborando o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano da Capital, sob a coordenação do professor e engenheiro Antônio Augusto de Almeida. Um ano depois, em 1974, ainda estudante, foi contratado como auxiliar de engenheiro, por seu bom desempenho como estagiário. No primeiro dia de 1975, recém-formado, foi enquadrado como engenheiro da PMJP, continuando na equipe do então secretário de Planejamento da Prefeitura, Antônio Augusto de Almeida. No segundo mês como engenheiro, passou a ocupar cargo de chefia e, em maio do mesmo ano, foi designado diretor do Departamento de Planejamento Urbano, responsável pela implementação do Plano Diretor recém-aprovado.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), junto com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolveu e patrocinou, em 1975, um curso de

Especialização em Planejamento de Transportes ministrado pela UFPE, voltado para engenheiros que já fizessem parte dos quadros públicos, com três vagas a serem preenchidas por cada estado do Nordeste. Carlos Batinga foi o único indicado pela Paraíba para realizar esse curso, e, por seu destaque nele, foi convidado pelo Ministério dos Transportes a participar da equipe que elaboraria o Plano Diretor de Transporte e Trânsito da Região Metropolitana de Salvador/BA. Esse programa, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e conveniado com o governo brasileiro, patrocinou a elaboração desse tipo de projeto para todas as Regiões Metropolitanas existentes na época no Brasil. Em fevereiro de 1976, após aceitar o convite para ir a Salvador, passou a fazer parte dos quadros da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (Geipot), empresa pública vinculada ao Ministério dos Transportes. Com a conclusão do Plano de Salvador e a ampliação do convênio com o BID, que passou a abranger todas as capitais de estados e as cidades de porte médio, foi convidado para um novo desafio, dessa vez para abrir um escritório da Geipot no Rio Grande do Norte e coordenar o Plano Diretor de Transporte e Trânsito do Aglomerado Urbano de Natal, trabalho que foi executado no prazo predeterminado e virou referência para o programa, passando a ser também uma base de treinamento para técnicos do Brasil e de outros países da América Latina. A repercussão desse trabalho em nível também local gerou um novo desafio – aceitar um convite do prefeito de Natal para criar e assumir o comando de uma Secretaria Municipal com a atribuição de detalhar e implantar o plano recém-concluído, que se tornou também o primeiro órgão municipal específico para gestão de transporte urbano no Brasil.

Com recursos do convênio do BID, o órgão gestor dos transportes coletivos de Natal passou a servir de referência e núcleo de capacitação para a criação de estruturas de gerências de transportes municipais, atuais Superintendências ou Secretarias de Mobilidade Urbana (Semob), em várias cidades, a exemplo de: João Pessoa, Campina Grande, Maceió, Cuiabá, Aracaju e Teresina.

No início de 1986, com as mudanças das gestões municipais nas capitais, o novo prefeito de Salvador, sabendo das referências da Semob Natal, o convidou para criar e dirigir um órgão de gerenciamento de transporte e trânsito para a capital baiana, uma vez que a área era o maior problema enfrentado pela cidade à época. Ficou à frente dessa entidade até 1988, ano em que aceitou um convite da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), vinculada ao Itamaraty, e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), para prestar consultoria e assistência técnica em programas que estavam sendo desenvolvidos na área de transporte coletivo nas regiões de Caracas (Venezuela) e Bogotá (Colômbia), contando com o apoio do governo brasileiro durante os anos de 1988 a 1995, de forma intermitente.

Em 1989, aceitou o convite para dirigir a Superintendência de Transportes Urbanos de João Pessoa, hoje Semob/JP, função que ocupou até 1996, quando se afastou para ser candidato a prefeito de Monteiro, sua cidade natal, sendo eleito e comandando a prefeitura por dois mandatos consecutivos (1997-2004). Nesse período, merecem destaque: a prioridade dada ao saneamento básico da cidade, que passou de 35% para uma cobertura de 86%, ampliação executada com recursos próprios e por administração direta com o apoio da CAGEPA; a implantação de um dos primeiros aterros sanitários do estado; a criação do Museu da História da Cidade; e os programas de geração de ocupação e renda com foco nas vocações e potencialidades regionais, como a cadeia produtiva da caprinocultura, que levou o município

de Monteiro a sair do zero e se transformar no maior produtor de leite de cabra do país. Outras ações relevantes foram os programas de enfrentamento à seca, que, em 1998, foram considerados pela Sudene os melhores do Semiárido Nordestino, resultando numa visita ao município pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, acompanhado de seis ministros em sua comitiva.

Logo após o final do mandato de prefeito, foi eleito superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/PB) para o biênio 2005-2006, onde implantou uma política de interiorização da instituição que passou de forma pioneira a apoiar projetos rurais, abrindo novos escritórios no interior e focando as ações nas vocações e potencialidades de cada região do estado.

Eleito deputado estadual em 2006, cumpriu dois mandatos, até 2014, nos quais manteve o foco na interiorização do desenvolvimento, bandeira que levantou desde seu primeiro mandato de prefeito. Em 2015, quando deixou a Assembleia Legislativa, voltou a dirigir a Semob/JP, onde ficou por pouco mais de dois anos.

Dedicou praticamente toda a sua vida profissional à área de transporte coletivo, o que foi interrompido apenas durante os oito anos em que foi prefeito de sua terra natal. Retornou ao trabalho em consultoria de projetos e gestão em mobilidade urbana, ao que se dedica até os dias atuais, conciliando com as atividades de pequeno comércio e pecuária no Cariri Paraibano, seguindo uma tradição familiar de várias gerações.

Em setembro de 2015, foi galardoado com a Medalha do Mérito da Engenharia Nacional, honraria recebida em Fortaleza, CE, durante a 72ª Semana Oficial de Engenharia e Agronomia (Soea), patrocinada pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea/Crea) e pela Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea (Mútua).

Carlinhos, como é conhecido pelos conterrâneos, adora viajar com a família e participar de festas populares de rua. Carnaval e São João são suas festas preferidas, quando se caracteriza e dança até a banda parar de tocar. É também um grande contador de causos da região, e quando junta os amigos torna as reuniões bem mais divertidas. Católico e devoto de Nossa Senhora, participa de procissões e festas religiosas e, todo mês de outubro, visita a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em ato de gratidão e fortalecimento da fé em Deus.

Cadeira n° 29



Patrono

Edmilson Fonseca



Acadêmico Titular

Flávio Ramalho de Brito

Edmilson Fonseca

PATRONO

EDMILSON FONSECA nasceu em Itaporanga, Paraíba, em 18 de junho de 1936. Eram seus pais Antônio Soares da Fonseca (Seu Totinha) e Maria de Sousa Fonseca (Dona Dazinha). Contraiu núpcias com Maria das Graças Montenegro Fonseca e tiveram três filhos: Edmilson Filho, Ana Clara e Cristiano.

Exerceu os cargos: de professor catedrático interino do quadro permanente do estado da Paraíba para a cadeira de Desenho, com lotação no Colégio Estadual de Cabedelo, Paraíba (1963); de professor de Desenho com Exame de Suficiência prestado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa (1968); e de auxiliar de ensino da Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, no Rio de Janeiro (1968-1969).

Graduou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba (EEUP) em 1966 e obteve o título de mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, em 1968.

Realizou diversos cursos de extensão, entre os quais: Epidemiologia e Profilaxia das Doenças de Veiculação Hídrica, pelo Instituto de Engenharia Sanitária (IES), no Rio de Janeiro (1969); Tratamento e Desinfecção de Água, pelo Instituto de Higiene de Berlim, na Alemanha (1969-1970); Abastecimento de Água, pela Universidade de Berlim, na Alemanha (1970); Viabilização Econômica dos Serviços de Limpeza Urbana, em Belém/PA (1989); Técnicas de Tratamento e Disposição Final de Lixo Domiciliar Urbano, pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes), em João Pessoa/PB (1993); e Lixo Hospitalar, Tratamento e Destinação Final, também pela Abes, no Rio de Janeiro/RJ (1993). Participou de viagem de estudos e observação na área de saneamento rural e meio ambiente no Peru, promovida pelo Ministério da Saúde, em Lima e Cusco (1987).

Iniciou seu trabalho na vida pública como funcionário da Fundação Serviço de Saúde Pública (Fsesp), hoje Fundação Nacional de Saúde (Funasa), onde exerceu as atividades de diretor-geral dos Serviços Autônomos Municipais de Água e Esgoto (Samae) das cidades de Blumenau, Rio do Sul, Brusque, Pomerode e Gaspar, em Santa Catarina (1970-1971); chefe da seção de operações da Diretoria Regional de Engenharia Sanitária do Sul, em Florianópolis/SC (1972-1973); diretor do Serviço de Engenharia da Diretoria Regional da Paraíba (1973-1976); coordenador do Programa Especial de Controle da Esquistossomose, em João Pessoa (1976-1984); diretor do Setor de Engenharia da Diretoria Regional da Paraíba (1976-1986); diretor regional substituto da Diretoria Regional da Paraíba (1977-1980); e coordenador do Projeto de Melhoria da Habilitação Rural para controle da Doença de Chagas, em João Pessoa (1980-1986).

Ocupou ainda vários cargos públicos, sendo os mais importantes: diretor superintendente da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) (1987-1989); coordenador

do Projeto Nordeste da Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba (1995); secretário adjunto da Saúde do Estado da Paraíba (1995-1997); secretário chefe de gabinete do vice-governador do estado da Paraíba (1999-2002); engenheiro credenciado junto à Caixa Econômica (Caixa/Gidur/JP), 2007-2016; e engenheiro consultor da Coordenadoria de Destino Final de Resíduos Sólidos da Empresa Municipal de Limpeza Urbana de João Pessoa (Emlur/PMJP) (2007-2016).

Na área empresarial, foi sócio e consultor técnico da Ambiental Consultores Associados (2001-2012).

Fiscalizou várias obras de saneamento no Brasil, sendo algumas de grande porte, com destaque para a ampliação dos sistemas de abastecimento de água das cidades de Pomerode, Blumenau, Itoupava Seca, Brusque, Rio do Sul e Gaspar, todas em Santa Catarina. Participou como responsável técnico da construção das Usinas Simplificadas de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos Urbanos das cidades de Esperança, Guarabira, Alagoinha e Bananeiras, na Paraíba (Fsesp-MS/Core-PB) no período de 1973 a 1987. Atuou na elaboração dos Planos de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos no estado de Tocantins para as cidades de São Miguel do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins, Xixá do Tocantins, Maurilândia do Tocantins e Itaguatins, Instituto Natureza do Tocantins (2002-2003).

Exerceu, na Abes, os cargos de conselheiro da Diretoria Nacional (1987-1988); tesoureiro adjunto da Diretoria Nacional (1990-1992); presidente da seção Paraíba (1993-1995); vice-presidente da Diretoria Nacional (1998-2000); e diretor regional do Nordeste da Diretoria Nacional (2000-2002). Foi também membro do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) de 1987 a 1988.

Escreveu quinze artigos para os jornais paraibanos *A União*, *O Norte* e *Correio da Paraíba* no período de 1985 a 2000 e apresentou onze trabalhos técnicos em congressos brasileiros e internacionais. Publicou, pela editora A União, o livro *Iniciação ao estudo dos resíduos sólidos e da limpeza urbana*, lançado em maio de 1999, no XX Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, no Rio de Janeiro.

Foi instrutor de cursos de extensão na área de resíduos sólidos nas cidades de Campo Grande/MS, Cuiabá/MT, Palmas/TO, Natal/RN, Salvador/BA, Joinville/SC, João Pessoa/PB e Guarabira/PB.

Foi laureado com o Prêmio Abes/PB 1989 pelos relevantes serviços, trabalhos técnicos e científicos, considerados de reconhecido mérito e de importantes contribuições ao desenvolvimento da engenharia sanitária e ambiental, notadamente no estado da Paraíba; e com o Diploma pelos Relevantes Trabalhos Prestados à Causa do Saneamento Ambiental no Brasil, outorgado pela Abes Nacional durante o XXI Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, em João Pessoa, em 2001.

Faleceu aos 80 anos, em João Pessoa, no dia 25 de agosto de 2016, deixando uma grande lacuna, principalmente, na área da engenharia sanitária na Paraíba.

Após seu falecimento, a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) e a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) realizaram uma sessão especial conjunta com o objetivo de homenagear postumamente o engenheiro civil e sanitarista Edmilson Fonseca. A propositura

foi do vereador Bruno Farias (PPS) e do deputado estadual Raoni Mendes (DEM). Branco Mendes (PEN), deputado estadual, e o ex-governador da Paraíba Roberto Paulino exaltaram a humildade e a simplicidade do homenageado e falaram de suas grandes realizações em todo o estado da Paraíba.

Em 2017, foi galardoado postumamente com a Inscrição no Livro do Mérito pelos Conselhos Federal e Regional de Engenharia e Agronomia (Confea/Crea), em cerimônia realizada durante a abertura da 74ª Semana Oficial da Engenharia e da Agronomia (Soea), realizada em Belém do Pará.

Flávio Ramalho de Brito

ACADÊMICO TITULAR

FLÁVIO RAMALHO DE BRITO nasceu, em vinte de junho de 1952, em Campina Grande. Filho do engenheiro agrônomo Ambrósio de Queiroz Brito, servidor do Ministério da Agricultura, e de Berenice Ramalho de Brito, professora da cadeira de História na Escola Normal, no Colégio Estadual da Prata e em vários colégios da cidade de Campina Grande.

É casado com a bioquímica e advogada Mércia Brandão Ramalho de Brito, servidora aposentada do Tribunal Regional do Trabalho e tem quatro filhas, um neto e duas netas.

Toda sua formação escolar foi feita na sua cidade natal. O então chamado curso primário foi feito no Colégio das Lourdinhas e na escola da professora Eneida Agra. Com o professor Raimundo Suassuna, fez os preparatórios para o exame de admissão para ingresso no curso ginásial no tradicional Colégio Estadual da Prata. Concluiu essa fase escolar no Colégio 11 de outubro. Fez o curso secundário, na modalidade denominada na época curso científico (na opção engenharia) no Colégio Estadual de Campina Grande.

Em 1971, ingressou, em oitavo lugar no exame vestibular, no Curso de Engenharia Elétrica - opção Eletrotécnica, na antiga Escola Politécnica de Campina Grande, então vinculada ao Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba. Durante o curso de Engenharia estagiou na Companhia de Eletricidade da Borborema – CELB e, em regime integral e durante o ano de 1975, na Companhia de Eletricidade do Ceará – COELCE, na área de manutenção de subestações.

Em 1976, aos 23 anos, tendo concluído o curso de Engenharia, foi admitido como Engenheiro Eletricista na Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba - SAELPA. Nesta Empresa, na qual trabalhou por mais de 27 anos, teve o seguinte histórico funcional: No mesmo ano da sua admissão foi designado Chefe da Divisão Técnica do Cariri, ficando responsável pela manutenção do sistema elétrico de uma grande área da Paraíba (todo o Cariri e o Curimataú). Em 1982, foi designado chefe do Escritório Regional do Cariri, permanecendo na função até 1985 quando se transferiu para a capital do Estado. Na sede da Empresa, ocupou a Assessoria da Presidência (1985/86), a Divisão de Compras e Contratação (1987), Assessoria da Diretoria Comercial (1988), Departamento de Distribuição (1990), Departamento de Manutenção e Operação do Litoral (1990), Departamento de Suprimento (1991), Departamento de Engenharia e Construção (1993), Departamento de Engenharia (1999), Assessoria da Diretoria de Transmissão e Departamento de Suprimento (2000). Foi, por duas vezes, Presidente da Comissão de Licitação da Empresa. Em 1989, em votação realizada pelos engenheiros da Empresa, foi indicado ao Governador do Estado que o escolheu como Diretor de Distribuição. Durante o período em que esteve como Diretor chegou a ocupar, interinamente, a Presidência da Empresa, em virtude de

afastamento temporário do Presidente. Dentre as suas principais realizações na Diretoria de Distribuição da Empresa destacam-se as construções das subestações em 69/13.8 KV de Sousa e da Ilha do Bispo e a implantação do programa de Eletrificação Rural no sistema Monofilar com Retorno pela Terra – MRT, o que possibilitou o atendimento de inúmeras propriedades rurais no Estado, com desempenho satisfatório até os dias correntes.

Quando da privatização da SAELPA, que ocorreu no ano de 2000, exercia a chefia do Departamento de Suprimento, permanecendo com as mesmas atribuições, na gestão do novo grupo controlador, até o seu desligamento, em 2004, da Empresa. Em 1996, através de eleição pelos participantes ativos e inativos, assumiu a Diretoria de Seguridade da Fundação SAELPA de Seguridade Social - FUNASA, entidade fechada de previdência complementar. Em 2001, depois da privatização da SAELPA, que era a patrocinadora do Fundo de Pensão, foi designado pelo novo patrocinador (Energisa) Diretor Superintendente da Fundação, atribuições que acumulou com as suas atividades na Empresa.

No biênio 1998/1999 ocupou a chefia do Departamento de Planejamento e Operação do Projeto Cooperar, da Secretaria de Planejamento do Governo do Estado da Paraíba.

No período de 1997 a 2005, participou da Diretoria do Sindicato dos Engenheiros no Estado da Paraíba SENGE/PB, em dois mandatos como Diretor- secretário da Entidade.

Em 2004, através de concurso, ingressou no serviço público federal, como Auditor Fiscal do Trabalho do Ministério do Trabalho e Previdência, órgão no qual ainda atua profissionalmente.

Dentre os principais cursos de extensão universitária dos quais participou destacam-se: Especialização em Distribuição de Energia Elétrica – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – 1979; Formação de Engenheiros – ELETROBRÁS – 1984; Planejamento Energético para Países de Língua Portuguesa UNESCO/UFPB – 1985; Programa de Qualidade do Setor de Energia Elétrica – ELETROBRÁS – 1992; Capacitação de Auditores de Qualidade das Empresas de Energia Elétrica – ELETROBRÁS – 1995.

Participou de várias conferências e simpósios na área de energia elétrica, dentre os quais se destacam a Conferência Latino Americana de Eletrificação Rural – 1986 e o II Simpósio de Especialistas em Planejamento da Operação e Expansão Elétrica – ELETROBRÁS – 1989.

Em 1989, foi o representante da Paraíba no Comitê Coordenador de Operações do Norte e Nordeste – CCON, órgão que congregava as empresas do setor elétrico nas duas regiões.

Em 1990, concluiu o curso de Pós-graduação em Engenharia Elétrica na área de Processamento da Energia, no Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba.

Recebeu o título de Cidadão Honorífico dos municípios paraibanos de Alagoa Nova e Gurjão.

É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGP.

É autor dos livros “Um Político da República Velha” (Editora Ideia, 2017, 506

p.), uma análise da história política da Primeira República, sob o enfoque da Paraíba e, também, “O Tribuno – Castro Pinto e sua época”, sobre a vida do ex-Presidente da Paraíba João Pereira de Castro Pinto (Editora Ideia, 2022, 246 pg.). Tem pronto para publicação “O Bacharel Feroz” sobre a figura de Lourenço Moreira Lima, paraibano/pernambucano, único civil no Estado Maior da Coluna Prestes. É também autor do livro inédito “Um Visionário Educador dos Sertões” sobre os primórdios da educação na Paraíba, enfocando a figura do advogado, político e educador Francisco Aprígio de Vasconcellos Brandão, avô do jornalista Assis Chateaubriand, que implantou a segunda escola privada de ensino secundário na Paraíba, sucedendo ao estabelecimento do Padre Rolim, em Cajazeiras.

É autor de vários estudos e artigos de caráter histórico, entre os quais se destacam “Na Paraíba, 1930 começou muitos anos antes”, sobre os antecedentes da Revolução de 1930 no Estado; “Um desconhecido cientista paraibano”, sobre o cientista Mello Leitão; “O Pensador que resiste ao tempo”, sobre o filósofo Karl Marx; “O país que destrói os seus palácios”, sobre a demolição, no Rio de Janeiro, do Palácio Monroe; “O Visconde e o fonógrafo de Thomas Edison”, acerca do paraibano Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Visconde de Cavalcanti”; “O Poeta das Paixões”, abordando a figura do poeta maranhense Catulo da Paixão Cearense; “As façanhas do Padre Voador”, acerca do padre Bartolomeu Gusmão, o primeiro inventor das Américas”; “O Voluntário da Pátria e o Poeta dos Escravos”, tratando do político e jornalista paraibano Maciel Pinheiro; “O livro *A Paraíba e seus Problemas* e a sua primeira análise crítica”, abordando o livro clássico de José Américo de Almeida.

Publicou na Revista da APENGE o artigo “Quando a Engenharia e a Arquitetura chegaram ao Brasil”.

Publica, regularmente, artigos de divulgação cultural em blogs e revistas locais (Genius) e mantém o blog Brasil Real no endereço dobrasilreal.wordpress.com.

Cadeira n° 39



Patrono

Vitoriano González y González



Fundador

*Hermanno José da Silveira
Farias*



Acadêmico Titular

Francisco Rosendo Rodrigues

Vitoriano González y González

PATRONO

VITORIANO GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ nasceu na Espanha, na região da Galícia, no município de Pontearas, pertencente à província de Pontevedra, em uma localidade denominada Cristinade, em 23 de março de 1926.

Chegou ao Brasil aos dez anos com a mãe, Angustia Gonzalez Ucha, e dois irmãos, para encontrar o pai Evaristo González Lamas, que havia fixado residência na cidade de Salvador, Bahia. Por sua origem espanhola, foi alfabetizado na língua materna. Durante a fase de adaptação ao português, perdeu algum tempo nos estudos, além de ter contraído tifo quando estava no colegial, provocando a perda de mais um ano letivo. Durante esse período, por erro da escola, seu nome passou a ser grafado como *Vitoriano Gonzalez y Gonzalez*, permanecendo dessa forma em toda a sua documentação.

Naturalizou-se brasileiro em 6 de dezembro de 1949 e, em 1953, se graduou pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Por intermédio do engenheiro Serafim Rodríguez Martínez, veio trabalhar no ano seguinte na Paraíba, como estagiário do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) no município de Coremas, durante a construção da barragem de Mãe D'Água. Após o estágio, foi designado engenheiro do Açude Escondido, em Belém do Brejo do Cruz. Com a conclusão da obra, foi transferido para o Distrito de São Gonçalo, pertencente ao município de Sousa, para trabalhar nos canais de irrigação. No retorno a Coremas, assumiu o cargo de engenheiro residente, e posteriormente foi responsável pela construção da hidrelétrica de Coremas, que atendia às cidades de Coremas, Patos, Sousa e Pombal.

Em 1958, foi transferido para o DNOCS de João Pessoa para trabalhar ainda com energia elétrica, setor posteriormente absorvido pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf). Ao longo da sua vida pública, trabalhou em vários setores do DNOCS.

Foi também professor fundador da Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba (EEUP), como professor catedrático da disciplina Resistência dos Materiais. Na universidade, ocupou os cargos de vice-diretor e diretor da Escola de Engenharia, posteriormente Centro de Tecnologia (CT), e de diretor do Serviço de Engenharia e Patrimônio da Universidade.

Sob sua gestão, destacam-se a construção do Hospital Universitário, da Reitoria e do CT.

Faleceu em 19 de junho de 2003, aos 77 anos, em João Pessoa.

Hermano José da Silveira Farias

FUNDADOR

HERMANO JOSÉ DA SILVEIRA FARIAS nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 18 de fevereiro de 1936. É filho de José Francisco de Farias e Geórgia da Silveira Farias. Era o primogênito do casal e teve sete irmãos: Maria José, Maria de Lourdes, José Marcos, Maria Lúcia, Mário Ronaldo e Maria das Graças. Casou-se com Elza Soares e tiveram três filhos: Gerlane, Alexandre Augusto e Anco Márcio, além de sete netos.

Em 1949, quando Hermano estava com 13 anos, seu pai veio a falecer em um acidente no local de trabalho, deixando sua mãe viúva e com sete filhos menores que ele. Hermano, como filho mais velho, procurou tomar o lugar de seu pai, liderando os irmãos. E assim, poucos anos depois, já assumia um emprego na Caixa Econômica Federal (CEF), como contínuo, para ajudar nas despesas da família. Foi o início de uma carreira grandiosa e plena de êxitos. Logo, mediante concurso interno, foi promovido às funções de Caixa. Muito inteligente e estudioso, conseguiu passar no vestibular e se formar no curso de Engenharia Civil da Escola de Engenharia da Paraíba (EEUP). Assumiu então, na CEF, o cargo de engenheiro, e logo passou a chefiar o Setor de Engenharia.

Paralelamente a seu emprego na CEF, passou a ensinar Matemática no curso de Engenharia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), antiga Escola de Engenharia. Ensinou ainda na Faculdade de Economia, onde exerceu também as funções de diretor. No exercício das funções de professor, em ambas as faculdades, destacou-se por seu vasto conhecimento das matérias que ensinava e pela facilidade de transmitir seus conhecimentos aos alunos. Granjeou sempre a simpatia do alunado, pois procurava manter com seus discípulos as melhores relações de amizade e espírito colaborativo. Na universidade, participou ainda da Comissão de Vestibular da UFPB durante alguns anos.

Em uma carreira sempre ascendente na CEF, depois de chefiar o Serviço de Engenharia, assumiu as funções recém-criadas na época de gerente-geral da Paraíba, sendo o primeiro servidor a exercer essa função, que gerenciava todo o estado. Ao ser criada a Superintendência Estadual, foi designado para exercer esse cargo, sendo pioneiro na função, além de ser designado posteriormente a assessor especial da presidência. Teve uma carreira irrepreensível nessa importante entidade do setor bancário, onde todos os colegas o admiravam como chefe cordato e amigo de todas as horas.

Realizou ainda estudos de extensão sobre Barragens de Terra, na UFPB; Capacitação Administrativa, na Fundação Getúlio Vargas; e Ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, patrocinado pela Academia de Diplomados da Escola Superior de Guerra (Adesg).

Foi professor das disciplinas Cálculo Diferencial e Integral e Cálculo Vetorial e Geometria Analítica em vários cursos da UFPB, dentre os quais: Engenharia Civil, Matemática, Física e Química, além das disciplinas Matemática Superior e Matemática Financeira nos cursos de

Economia, Administração e Contabilidade da mesma universidade. Na UFPB, exerceu também as funções de coordenador do curso de Matemática; diretor do Instituto Central de Matemática; membro do Conselho Universitário; e membro do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe).

Hermano, por seu alto nível de relacionamento na sociedade paraibana e sua conhecida capacidade funcional, foi convidado para atuar na Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap/PB), tendo exercido por alguns anos as funções de diretor financeiro e conselheiro desse importante órgão estadual.

Recebeu o Prêmio Leonardo B. S. Arcoverde, indicado pela Congregação da Escola de Engenharia da UFPB e concedido pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea/PB) ao aluno concluinte que mais se distinguisse nos estudos.

Hermano faleceu no dia 1º de julho de 2020, aos 84 anos. De uma dedicação total à família, amoroso e carinhoso em todos os momentos, sempre procurou ajudar todos eles, não medindo esforços nem recursos para que realizassem todos os seus sonhos. Hoje, essa plêiade de herdeiros reconhece e retribui, como sempre retribuiu, o amor e o carinho recebidos. Nada mais representativo que as palavras de duas netas nas homenagens que fizeram ao avô pelas redes sociais após sua morte, com gestos enaltecedores e belas palavras.

Disse a neta Belinha:

O homem mais correto e admirável que pude conhecer, além do maior privilégio de tê-lo como avô. Meu amor, que história e lição lindas deixastes, quantas homenagens nessa vida o senhor recebeu por tudo que fizestes na sociedade, quantos cargos o senhor honrou, quão querido fostes e sempre serás aqui, por onde passou foi reconhecido, e não só por isso, mas pela sua simpatia, bondade e integridade que encantavam a qualquer um.

E a neta Carol:

Ele era luz na vida da gente, ele tinha tanto amor dentro dele, que não cabia... transbordava! Inclusive foi ele que me ensinou a ser assim, que a gente só transborda aquilo que tínhamos de excesso dentro da gente! Homem de qualidades indescritíveis, íntegro, justo, romântico, família, forte, de um humor invejável!

Esse era Hermano. Um homem que brilhava não só pela inteligência e pela cultura, mas também pelo incalculável calor humano. Um homem íntegro, sério, honesto, de uma conduta ilibada, mas que sabia se divertir nas horas de lazer, como na sua presença todos os sábados nos jantares dançantes do Cabo Branco, com a sua inseparável e amada esposa Elza, destacando-se como exímios dançarinos.

Hoje, nos braços do Senhor, velará por todos os seus que ficaram aqui com muita saudade, embora crentes de que foram muito felizes por poderem ter desfrutado do amor e do carinho desse homem tão especial.

Francisco Rosendo Rodrigues

ACADÊMICO TITULAR

FRANCISCO ROSENDO RODRIGUES, também conhecido como François, nasceu em Diamante, distrito do município de Itaporanga, Paraíba, no dia 7 de setembro do ano de 1942. Filho de Joaquim Rosendo de Moura e Olívia Rodrigues de Moura, foi o primogênito do casal, com dez irmãos. É casado com Heloisa Helena Ataíde Rodrigues, com quem teve quatro filhas, Janaina Helena, Juliana Helena, Tatiana Helena e Isabela, que lhe deram nove netos.

Aos 19 anos de idade, arrumou a carga dos seus sonhos com esperança e, sozinho, rumou para a capital em busca de salas de aula e do modo possível de viver nos labirintos da cidade grande, ingressando na prodigiosa e tradicional Casa do Estudante da Paraíba. O início da saga da sobrevivência partiu da atividade de funcionário da Sanbra S/A, que exerceu de 31 de agosto de 1961 até 6 de maio de 1963.

No dia seguinte, 7 de maio, selecionado em concurso, foi chamado para prestar serviços na filial do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A, situado à Rua Gama e Melo, 95, Varadouro, nesta capital, quando já era aluno do lendário Lyceu Paraibano, hoje Colégio Estadual de João Pessoa. Nesse educandário, teve acesso à matrícula sob os testes regulamentares da época, havendo concluído o curso científico (hoje, Ensino Médio) com opção para Engenharia Civil, no final do ano de 1965. No segundo semestre de 1966, foi aprovado no vestibular para o curso de Engenharia Civil da Escola de Engenharia da Universidade da Paraíba (EEUP), com conclusão em junho de 1971.

Depois de cinco anos de trabalho no Banco do Comércio, solicitou demissão, quando já exercia a função de chefe de Cadastro, para poder frequentar os dois últimos anos na EEUP como estagiário no Departamento de Engenharia do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (Ipep), na gestão do Convênio Ipep/Banco Nacional de Habitação (BNH), chefiado pelo engenheiro Ivanilton Martins Dinoá, seu professor, já falecido, de quem recebera ensinamentos fundamentais de profissionalismo e vivência humana até março de 1972.

Como estudante na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), portador de conduta participativa e solidária, assumiu a titularidade de secretário-geral do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFPB e, em seguida, em abril de 1968, assumiu interinamente a sua presidência, que exerceu até agosto do mesmo ano. Foi presidente de sua classe durante os cinco anos do curso e eleito orador na solenidade de graduação.

Em abril de 1972, já formado, foi contratado para gerenciar as atividades de Engenharia da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), na Diretoria Regional da Paraíba, envolvendo construções, reformas e adaptações, equipamentos de redes de comunicação e segurança, bem como centros de triagens, logística de transporte e distribuição domiciliar, até a data de sua aposentadoria, no ano de 2001.

Em paralelo e à guisa de desenvolvimento pessoal, técnico e de apoio às metas da empresa, foi presidente da Comissão Especial do Inventário Imobiliário Geral e de Avaliação Patrimonial, gerente de Operações Telegráficas e membro do Comitê Geral do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, período em que foi agraciado com três diplomas quinquenais de Honra ao Mérito, referentes aos 15, 20 e 25 anos de serviços prestados. Foi ainda fundador e o primeiro presidente da Associação Recreativa dos Correios (Arco), instalada em 1983 na avenida Cabo Branco, em João Pessoa.

Obteve em 1977, graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Fundação Centro Nacional de Segurança Higiene e Medicina do Trabalho, Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Atuou como fundador e diretor técnico da empresa Serviços de Construção Ltda. (Ercal), empresa pioneira especializada em serviços de restauração, impermeabilização predial, concreto leve e isolamento térmico e acústico, durante 21 anos (1978-1999).

Em agosto de 2001, assumiu o cargo comissionado de assessor técnico na Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), onde ficou até dezembro de 2004. Foi designado assistente de gabinete da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, por meio da Portaria Governamental nº 5750/2009, lotado na Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), no período de maio de 2009 a dezembro de 2010, para apoio ao controle de convênios para realização de obras na área de educação.

Nesse mesmo ano, com a cessão do antigo prédio dos Correios para ocupação sob comodato da PMJP, coordenou as obras de reformas e adaptações internas para abrigar suas instalações, conduzindo todos os serviços especiais de restauração e resgate dos arabescos, caracteres e ornatos das seis fachadas do palácio, que foi batizado de Paço Municipal. Esse prédio foi construído há 94 anos e exibe identidade com as edificações de origem da cidade após mais de quatro séculos de fundação.

No ato inaugural do Paço Municipal, em junho de 2004, foi lançado um livro comemorativo editado pela Secretaria de Comunicação Social da PMJP, com o título: *Paço Municipal: a história viva*. Em sua última página, está destacada a dedicatória: “Este livro é dedicado a Francisco Rosendo Rodrigues, por seu permanente trabalho de preservação da história do antigo prédio dos Correios e Telégrafos, que agora abriga a sede do Paço Municipal”.

O site “Memória de João Pessoa – Informatizando a História do Nosso Patrimônio” agrupa quase todos os monumentos da Cidade Antiga em exposição na Fundação Espaço Cultural (Funesc). Esse memorial marca a identificação, a caracterização e a tipologia primitiva do prédio dos Correios, destacando as tratativas de demolição do prédio, e nomina o engenheiro Francisco Rosendo Rodrigues como autor da proposta de manutenção e restauração de todas as suas belas fachadas, o que preservou a expressiva edificação como monumento referenciado na paisagem da cidade antiga. No ano de 2002, foi indicado para participação do projeto Memória Oral dos Correios, para um depoimento de resgate de personagens e fatos no âmbito da ECT, cujo vídeo se encontra em exibição permanente no Museu Nacional dos Correios, em Brasília/DF.

A partir de 1969, iniciou incursões na imprensa local, com publicações de textos nas páginas opinativas e culturais dos jornais *O Momento*, *O Norte*, *Correio das Artes* e *Correio da Paraíba*.

Recebeu o diploma de Menção Honrosa no concurso de contos da Academia de Letras de Campina Grande, em 1983, com o texto “O Saxofone de Renan”. Obteve o primeiro lugar no concurso de poesias pelo sistema Sesc/Senac em 1989 e participou do I Fórum de Literatura e Jornalismo Cultural (Flece), realizado na Funesc e promovido pela UFPB, com exposição do poema intitulado “Poema rasgado”. Também foi premiado no I Concurso Literário Pedra do Reino, no gênero Poesia, com o título “Luarento”, na Semana de Comunicação promovida pelo Sindicato dos Jornalistas da Paraíba em agosto de 2000, em homenagem a Ariano Suassuna.

Afeiçoado à atividade literária, foi duas vezes diretor de Arte e Cultura do Clube de Engenharia da Paraíba, a primeira por dois anos, a partir de julho de 1981, e a segunda a partir de julho de 1985, também pelo mesmo período. Foi responsável pelas edições periódicas do jornal do Clube, além das colunas semanais no jornal *O Norte*, durante o ano de 1983, sob o título “Clube de Engenharia da Paraíba”, com abordagens técnicas, eventos sociais e atividades em geral desse sodalício.

Permanece admirador das artes em geral, com forte predileção pela literatura. A partir do ano de 1990, mais concentrado, teve alguns textos, contos e poemas publicados com mais frequência, porém como colaborador diletantemente bissexto. Continua elaborando textos com foco no cotidiano em geral, dissertando evocações em torno da nossa cidade antiga, como um prenúncio motivador de ações que possam significar um alívio à angústia da esperança que fita um cenário do resgate e da revitalização desse espaço devaneador da cidade.

Atualmente, dedica-se plenamente à vida familiar, ao lado da esposa, das filhas, dos genros e dos nove netos, todos bem-vindos e recepcionados pelos versos:

Risco a parede e o chão

Pinto bichos e bonecos

Encho o cavalo de azul

E das cores dos afetos

Soprando bola e balão

Aumento o meu coração

Para que caibam mais netos

Continua alentando um projeto de compilação desse acervo, que, escoimado, pode caber num livro, que pelo menos já tem título definido: *Ditos & Soltos*.